

MATEMÁTICA π PARA FILÓSOFOS



UMA REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

NÚMERO 14 | NOVEMBRO 2022

INVERSÕES GEOMÉTRICAS, UMA METÁFORA DA MATRIZ DO ESPAÇO TEMPO

O PONTO NO ESPAÇO-TEMPO

SIMBOLOGIA NUMÉRICA 3
- O TERNÁRIO E A TRÍADE

A ENEIDA (AENEIS) E A DIVINA
COMÉDIA: UMA LEITURA

O MARQUÊS DE POMBAL E A PINTURA
CONCÓRDIA FRATUM NO SEU PALÁCIO

SIMBOLOGIA NUMÉRICA 4 - O QUADRADO FÉRTIL

AS PARÁBOLAS SÃO TODAS UMA ÚNICA PARÁBOLA

GÊNESE DA UNIDADE - 1ª PARTE E 2ª PARTE

SOBRE OS NÚMEROS III

ÍNDICE

5

O Ponto no Espaço-Tempo

Por Isabel Areias

9

Inversões Geométricas, Uma Metáfora da Matriz do Espaço-Tempo

Por José Carlos Fernandez
Escritor e Director da Nova Acrópole Portugal

11

Simbologia Numérica 3 – O Ternário e a Tríade

Por Juan Martin Carpio

14

A Eneida (Aeneis) e a Divina Comédia: Uma leitura

Por João Porto

17

O Marquês de Pombal e a pintura *Concórdia Fratum* no seu Palácio

Por José Carlos Fernandez
Escritor e Director da Nova Acrópole Portugal

19

Simbologia Numérica 4 – O Quadrado Fértil

Por Juan Martin Carpio

23

As Parábolas são todas uma única Parábola

Por José Carlos Fernandez
Escritor e Director da Nova Acrópole Portugal

26

Génese da Unidade – 1ª parte

Por Arturo Soria y Mata

31

Génese da Unidade – 2ª parte

Por Arturo Soria y Mata

38

Sobre os Números III

Plotino

Revista organizada por voluntários da
Organização Internacional Nova Acrópole
– Portugal

Diretor: José Carlos Fernández
Editor: M^a Ángeles Castro
Design: José Rocha

Web: www.matematicaparafilosofos.pt
Email: geral@matematicaparafilosofos.pt

Propriedade e direitos:

 Filosofia
Cultura
Voluntariado

O PONTO NO ESPAÇO-TEMPO

Por Isabel Areias

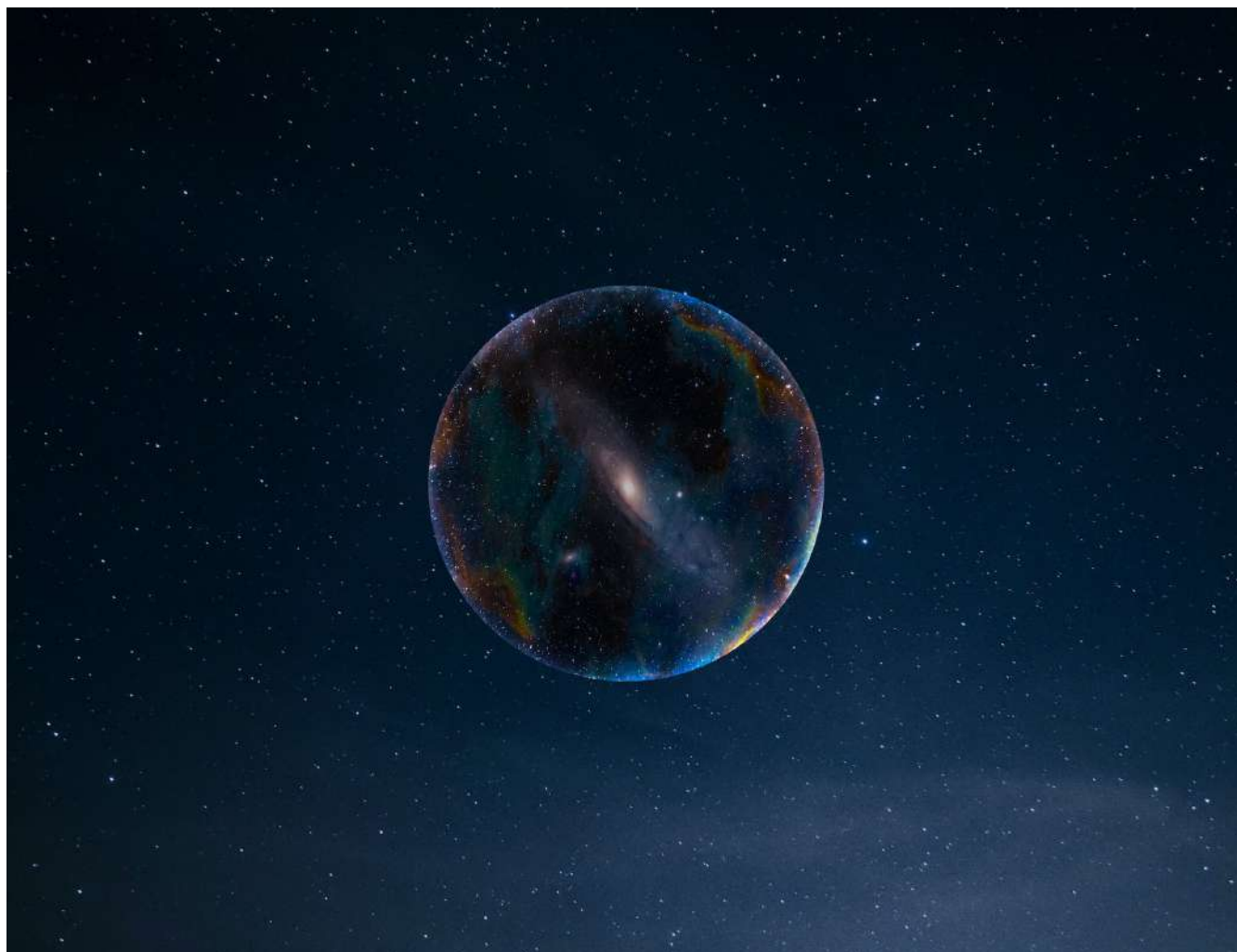


Foto de Ivan Diaz em *Unsplash*

Quando observamos a vida, deparamo-nos com a existência de duas realidades, dois mundos ou dois hemisférios. As antigas civilizações referiam-se sempre a uma grande jornada cuja passagem se realizava em torno destes dois mundos dando a ideia da existência como um movimento circular. A vida e a morte, o diurno e o noturno, a luz e as trevas, visível e invisível, são as ideias chaves desta dualidade vestida de várias formas ao longo da história. No entanto, e apesar da natureza dual da existência, a linha no qual estes mundos circulam é uma, facto que nos leva a considerar a ilusão destes dois mundos como uma criação do processo de vibração do ponto central encontrado nesta circunferência por onde se move toda a existência.

Todo o Ser Humano cumpre uma jornada em torno desta circunferência e dos seus hemisférios, da mesma forma que a terra cumpre a sua jornada em torno do

Sol movendo-se numa elíptica que perfaz o ano solar e com o seu movimento as 4 estações simbolicamente comparadas com os 4 estados de consciência, os 4 elementos, os 4 pontos cardinais etc. Nesta análise, percebemos que toda a existência cumpre um eterno retorno no qual encontramos como elementos diferenciadores dois pontos essenciais, denominados: Espaço e o Tempo.

Espaço e Tempo

Sabemos que existem 4 dimensões no plano manifestado: o Espaço (altura, largura e profundidade) e o Tempo. A primeira dimensão torna-se mais óbvia pois percebemos a nossa limitação e movimento dentro dela. Mas o mesmo já não acontece com a dimensão do tempo.

Percebemos que o tempo pode esticar, contrair ou mesmo anular-se quando atinge a velocidade da luz, mas sentimos que não o podemos controlar da mesma forma que controlamos o espaço onde gostaríamos de estar. O tempo é visto hoje como o grande dragão que nos devora pois sentimos a impossibilidade de o dominar tão facilmente como a vontade de nos deslocarmos de um espaço a outro.

Sabemos que no ponto de encontro espaço-tempo surgem os acontecimentos. Desta forma, os acontecimentos são uma constante no tecido espaço-tempo fazendo do passado, presente e futuro uma ilusão. Sabemos que aceleramos ou retardamos estes acontecimentos com o movimento e desta forma encontramos a relatividade do tempo. Este é relativo ao movimento e ao espaço, mas é ao mesmo tempo ativado por ambos.

Ponto espaço-tempo e os planos subtis

Se passarmos esta reflexão para o campo da consciência, poderíamos encontrar a mesma dinâmica. Talvez a grande dificuldade esteja no facto de estarmos limitados pelos nossos próprios sentidos, para não referir a uma limitação ainda maior que será a nossa razão, ou a nossa consciência. Talvez porque as únicas propriedades que conhecemos sejam apenas as propriedades da matéria física. Mas se colocássemos a hipótese de existirem outros estados de matéria subtil onde o funcionamento seria precisamente o mesmo, talvez algumas questões pudessem tornar-se mais claras. Sabemos que a velocidade a que vibram os átomos afeta a matéria podendo apresentar-se de uma forma mais densa, ou mais líquida ou gasosa.

E considerando o som como um estado de vibração, assim como os nossos pensamentos, também estaremos a falar de estados de matéria invisível ao nosso alcance e imensurável à nossa ciência, mas que conheceriam também as três forças: espaço, tempo e movimento.

Desta forma, podemos através da nossa consciência criar eventos e acontecimentos sem dependermos da linha espaço-tempo material pois no plano da matéria subtil, constituída por átomos subtis, encontramos uma linha espaço-tempo que pode ser movimentada consoante a velocidade da nossa consciência.

Delia Steinberg Guzman, refere que o tempo não produz acontecimentos, que os guarda. Refere que não é o tempo que passa por nós, mas o contrário, nós passamos pelo tempo. Estas ideias tão claras geram profundos voos internos pois compreendemos a sua captação, mas não conseguimos apanhar com as nossas mãos. Vivemos o dia a lutar contra o tempo ou a querer apanhar e dominar. Esquecemos que o espaço e o movimento geram o acontecimento que o tempo irá guardar pois ele

sozinho não cria eventos. E na ausência desta meditação “corremos” atrás de algo que nós próprios ativamos e convocamos.

Para construir, criar e gerar é necessário “marcar” ou “agendar” um ponto espaço-tempo. Este ponto pode ser marcado pela nossa imaginação ou, naturalmente, muitos deles já foram agendados pelo nosso movimento nesta ou em outra existência, consciente ou inconscientemente. É como se tivéssemos agendado um encontro pelo qual temos inexoravelmente que transitar denominado pelo pensamento oriental de Karma.

O tempo é a matriz onde podemos escrever a história e onde podemos criar a nossa própria realidade. A constância e o ritmo são o movimento que executamos e que leva à materialização do desenho numa folha em branco que é o tempo.

Se não marcarmos pontos de encontro no espaço-tempo e não criarmos a energia e o movimento para os atravessar, então nada pode ser construído. No entanto, como o primeiro movimento da existência já foi gerado, a inação é inexistente pois segundo a segundo estamos consciente ou inconscientemente a marcar acontecimentos no tecido espaço-tempo sobre os quais iremos passar. A ideia será termos uma maior consciência desses pontos tornando-os conformes à nossa própria vida, aos nossos valores, à nossa essência e identidade.

Apesar destes pontos estarem consciente ou inconscientemente agendados, nas duas situações, percebemos que o Tempo precisa de ser chamado. Este chamado é feito através do movimento. Seja da lei inexorável do karma, seja da nossa própria vontade. No entanto, quando pelo excesso de movimento (grande vibração) atravessamos inúmeros pontos espaço-tempo a sucessão da materialização de acontecimentos torna-se rápida e assoberbada. Da mesma forma que no oposto, a paralisação de movimento ao diminuir o encontro com o ponto espaço-tempo limita os acontecimentos tornando a nossa folha mais vazia e à deriva do vento.

Se conseguimos entender estas ideias no plano material, o mesmo acontece em outros estados da matéria como o emocional ou o mental. Criamos acontecimentos internos quando a nossa imaginação ou consciência cria pontos espaço-tempo internos. E estes acontecimentos podem trabalhar numa outra dimensão não estando sujeitos ao espaço-tempo físico.

Ponto espaço-tempo e a Jornada solar

Apesar de podermos agendar estes pontos no nosso tecido mental, podemos integrar nesta “boneca russa” um outro elemento relacionado com a viagem solar que a natureza realiza no seu ciclo anual, com as suas 4 estações, com os seus 4 elementos ou 4 estados da

persona, perfazendo assim três eventos, ou pontos-
-espaço tempo. São eles:

- Karmicos (aqueles que consciente ou inconscientemente activamos);
- Voluntários (aqueles que nos levam a actuar sobre o Karma);
- Cósmicos (aqueles nos quais todo o universo se encontra integrado).

O ponto espaço-tempo referente à jornada solar, integra-se nos eventos cósmicos pelo qual todo o ser vivo, em qualquer plano, passa inexoravelmente.



Neste paralelismo, na jornada do Ser Humano, cada interceção relacionada com a estação é um ponto no espaço-tempo que gera um acontecimento, ou numa linguagem filosófica, uma prova para a nossa consciência. Délia Steinberg Guzman refere num dos seus bastiões, a existência de 4 provas relacionadas com os 4 elementos e sobre os quais todos temos de transitar, inevitavelmente. A Astrologia pode ajudar o Ser Humano a compreender um pouco melhor estes ciclos de movimento no qual inexoravelmente navegamos, tal como a Barca Solar emerge nas trevas rumo à luta com a serpente Apofis, da mesma forma todas as noites o sol se despede com o entardecer.

A antiga imagem de Hermes, como o Senhor entre os dois mundos, abre as portas da estação do outono dando entrada da alma no mundo dos mistérios, no mundo noturno, na descida rumo ao profundo de nós mesmos. Sabemos que no entardecer a despedida do dia e a miragem da noite enche todo o horizonte de magia mas também de medo pois algo está prestes a acontecer. Este ponto no espaço-tempo abre uma porta sem retorno e convida a alma e o Ser Humano ao recolhimento e à solidão.

A prova de Ar leva à despedida do dia, das realizações e das conquistas. Traz o desapego e mergulho no mundo invisível, cujo Senhor no seu interior mais profundo podemos representar simbolicamente com Anubis. A porta do espaço-tempo do inverno, iniciática por excelência, leva a alma à máxima conexão com a morte. O chagal que ajuda as almas a passarem esta zona tão escura e cujo processo despedaça o Ser Humano, traz a água como elemento de purificação a fim de renovar o seu compromisso com a vida e guiando as almas pelo

maravilhoso silêncio. Cruzar o ponto espaço-tempo de inverno, tal como para o mundo manifestado, é perceber que o destino está em caminhar solitário e que dentro deste abismo interior, como refere Jorge Angel Livraga no livro “O Ankor” está a pérola mística que todo o Ser Humano deve atrever-se encontrar.

No renascer, simbolizado pela vitória de Ra na “Barca dos milhões de Anos” a alma floresce e fertiliza o mundo com uma nova esperança e uma nova vida, também simbolizado por Knhum, o Deus Carneiro, aquele que abre e rompe as trevas representando a alma que superou os desafios internos e retorna portadora do Sol, devendo evitar a vaidade e a soberba da vitória. O ponto espaço-tempo diurno abre aqui as suas portas trazendo com o verão a sua máxima exposição, com o fogo da sabedoria, do conhecimento e da maturidade. Ra atinge com toda a sua luz o mundo físico e espiritual. O seu fogo pode inebriar aqueles que sentem no seu coração a força de dirigir o seu próprio destino, mas neste erro esquecem as consequências de quererem assemelhar-se ao próprio Deus, ao próprio Sol, tal como Ícaro. As consequências do fascínio do Verão representam as provas de fogo. Aqui os nossos maiores valores são colocados à prova pois as grandes decisões devem ser consequentes à grande jornada. O Verão marca também o início da morte do Sol. O início da descida rumo ao eterno retorno, rumo às portas de Hermes, à entrada nos mistérios de uma nova iniciação pois como refere Nietzsche “na sua vivência, afinal, uma pessoa apenas se repete a si própria”

Cravados no espaço-tempo

Desta forma, de que serve o grande conhecimento sobre as leis e as causas de todos estes processos na natureza se não a transitamos para estados de matéria e de consciência mais subtil e cuja compreensão nos permite entender que todas as circunstâncias são geradas pelo cruzamento tempo-espaço cósmico no qual estamos “crucificados” neste ciclo do eterno retorno e cuja saída se encontra unicamente no centro de cada um de nós, no agendamento de eventos voluntários.

Da mesma forma que os nossos planetas gravitam sobre um sol e este sol sobre outro maior e assim sucessivamente num conjunto de forças que se mantêm unidas por uma única força única que é sempre o centro de tudo.

Estamos cravados pelas estações dos acontecimentos, mas esquecemos que a nossa consciência pode trabalhar num outro espaço-tempo, numa outra dimensão voluntária e com isto transpor esta cruz criando na sua própria linha num movimento ascendente capaz de gerar um triangulo cujo centro é o ponto. Desta forma, o tempo é relativo pois o movimento da nossa consciência e o espaço sobre o qual ela se direciona, superior ou inferior,

afeta a sua passagem. Duas pessoas podem desenvolver o mesmo exercício mental ou a mesma prova circunstancial. A diferença está no movimento e no posicionamento da sua consciência. O tempo que demoramos a transitar uma prova está diretamente relacionado com o espaço e o movimento da nossa mente. Mas considerando os limites da razão, os limites nos quais ainda nos encontramos, existem espaços dentro de nós e medidas de movimento e tempo que ainda não percebemos e por isso não conseguimos nos posicionar nesses lugares, por isso não conseguimos agendar pontos espaço-tempo fora dos limites da nossa razão, como diria Locke. Desta forma, o tempo que muitas vezes gostaríamos que transcorresse ou o desenho que gostaríamos de criar no papel, necessita de vários rascunhos até que possa nascer.

Não conseguimos transcender o espaço-tempo karmico e cósmico pois ainda não conhecemos as inúmeras portas que habitam no nosso interior e cujas chaves nos são entregues na passagem das provas que os ciclos nos colocam. Tentamos erguer lentamente a pirâmide que se encontra em potência, mas que por ignorância e tolice não a conseguimos. Mas entender o tempo como algo que nós dominamos e não como algo que nos domina, pode constituir a primeira grandeza do nosso processo de verticalidade, num mundo onde o grande monstro é conhecido pelo Tempo.

No entanto, conceber o tempo interior como uma dimensão criada pela nossa vontade, pode levar-nos à criação de eventos e acontecimentos mais profundos dentro de nós e inclusive mais reais.

Conclusão

O tempo é assim visto como uma força em potência, que podemos ativar com a nossa vontade e com a nossa imaginação. Falamos da passagem através do movimento nos pontos do espaço-tempo por forma a despertar acontecimentos e eventos, uns programados pela nossa

vontade, outros pelo nosso karma e outros cósmicos, provocado pelos ciclos. Mas pela imaginação, podemos projetar pontos e fazer no movimento e na velocidade que programamos a interceção com o ponto imaginado, programado e planeado. Desta forma, deparamo-nos com outro facto interessante, o acontecimento surge porque o criamos com a nossa mente e porque nos direcionados para ele.

Tal como refere Delia Steinber Guzman, as coisas acontecem porque criamos um projeto de vida na linha do tempo. Esse projeto é ativado porque determinamos um espaço e criamos um movimento. Ver o tempo como uma potência que pode ser convocado para a materialização dos nossos sonhos é conseguir agarrar e dominar um pouco mais esta dimensão que nos foge e nos escapa ao longo do dia tão facilmente. Ver o tempo como esta folha em branco onde podemos criar, escrever e materializar a vida torna-se libertador pois retira-nos desta roda onde todos querem apanhar algo que na verdade tem de ser activado e convocado para que possa existir.

Que possamos aprender a Arte de Convocar o Tempo!

INVERSÕES GEOMÉTRICAS, UMA METÁFORA DA MATRIZ DO ESPAÇO-TEMPO

Por José Carlos Fernández

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

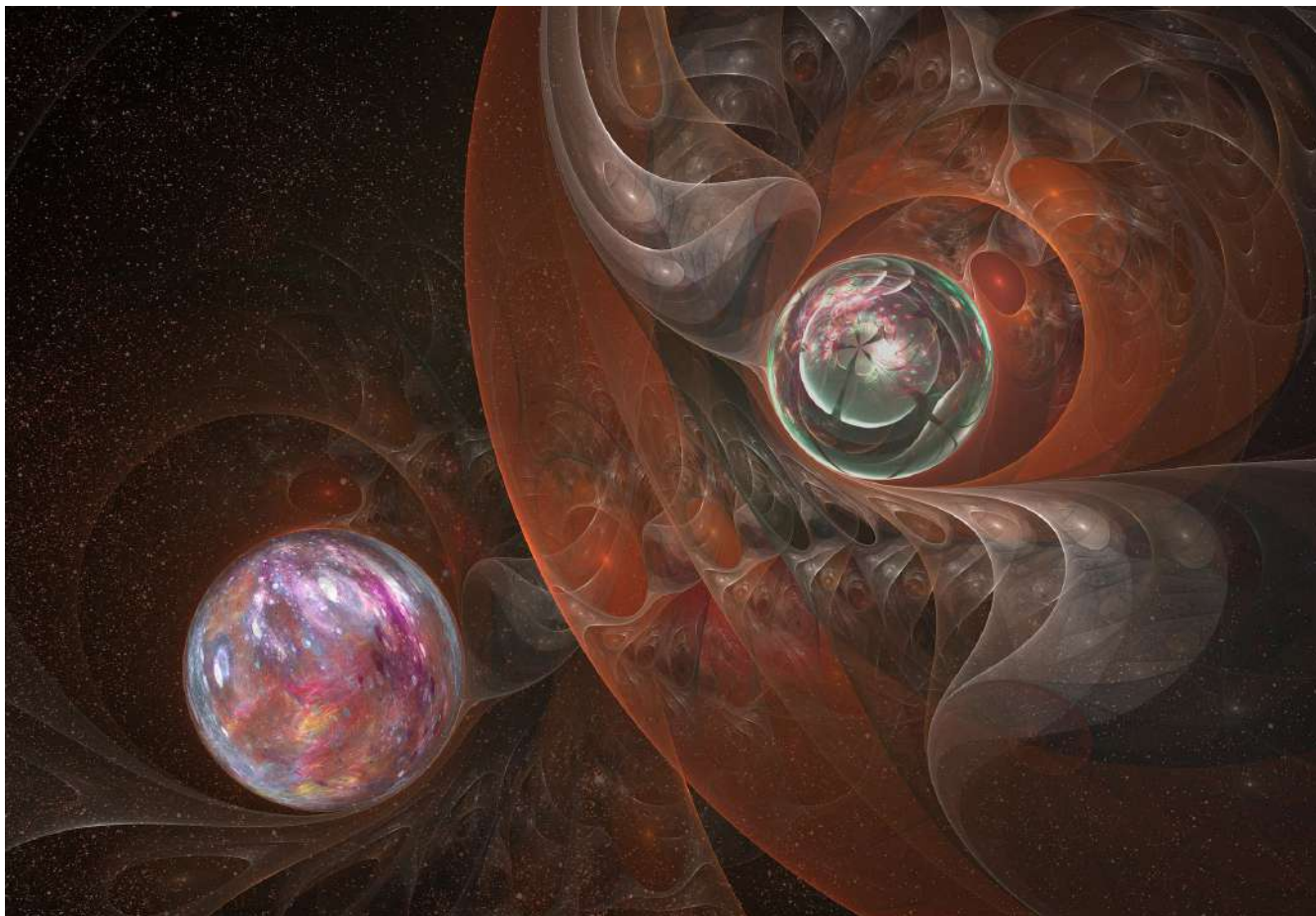


Imagem de Kohji Asakawa, Pixabay License

Quantas vezes a geometria surpreende-nos com os seus elementos, as suas imagens e operações. já se disse que a geometria é quem melhor expressa os mistérios da vida, com os seus símbolos tão puros, tão despojados da carne e sangue de uma emotividade que trai a perfeição com que se abre a essência do real.

E entre as operações geométricas, uma das mais chamativas é a denominada inversão. Esta é uma função que estabelece uma relação biunívoca entre os pontos dentro de uma circunferência e os que há fora dela, é uma relação de um conjunto infinito a outro infinito, do

aparentemente limitado ao aparentemente ilimitado, o que nos faz recordar os versos de William Blake:

*“para ver o mundo num grão de areia,
e o céu numa flor Silvestre,
abarca o infinito na palma da tua mão
e a eternidade numa hora.”*

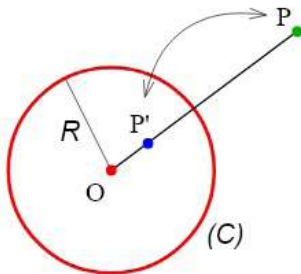
Uma função geométrica definida do seguinte modo:

- Diz-se que: P e P' guardam uma relação de inversão relativamente à circunferência (C) de centro O e raio R quando se cumpre que:

- 1 – Os pontos P e P' estão sobre uma mesma semi-reta com origem em O ;
- 2 – As suas distâncias cumprem a igualdade:

Como vemos na imagem seguinte:

$$R^2 = |\overline{OP}| \cdot |\overline{OP'}|$$



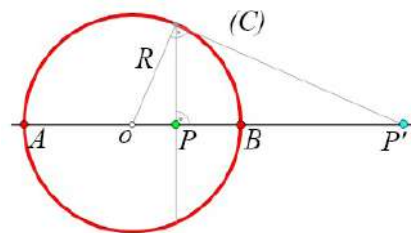
Definição de inversão a respeito de uma circunferência.
Creative commons

Ou seja, quanto mais se afasta o ponto P da circunferência, mais se aproxima P' ao centro, o qual nunca chegará visto que para ele o P deveria chegar ao infinito. Pelo contrário, os pontos da circunferência estão associados com eles mesmos. É uma forma geométrica de expressar a unidade como o princípio de uma série 1, 2, 3, 4, 5, 6... Que é a que avança até ao infinito ou a unidade como o continente e início de uma série inversa, 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{5}$, $\frac{1}{6}$, $\frac{1}{7}$... e também aqui poderíamos estabelecer uma correspondência biunívoca entre ambas as séries.

Assim verifica-se que toda a reta que passe pelo centro de inversão (O) fica invariante. Uma reta que não passe pelo centro de inversão converte-se numa circunferência que sim passa por ele (embora se formos estritos diríamos que se aproxima nele ao infinito). Uma circunferência interna concêntrica a O converte-se noutra externa com o mesmo centro e vice-versa. Grande parte da geometria projetiva está baseada nesta função e guarda tantos mistérios que vários artigos aproximariam-nos a diferentes facetas da inversão e das suas alusões filosóficas. Este mesmo processo pode estabelecer-se não apenas no plano mas também espaço, ou nas interações do plano e do espaço (volume). Muitos teoremas podem-se deduzir por meio desta função do modo mais simples, como podemos ver, por exemplo, com o belo teorema de Ptolomeu.

A primeira imagem associada é o processo de criação do cosmos segundo os diferentes textos sagrados da antiguidade. Por exemplo, na teogonia de Hesíodo, primeiro é o caos, o espaço vazio ao primordial em que Eros vai estabelecer o primeiro diâmetro vertical e já o horizontal, gerando a Cruz giratória do cosmos. É a caverna de Platão onde tudo o que vive nela é um reflexo

de diálogo mais além, uma sombra projetada. Dentro, as coisas parecem que nascem, vivem e morrem, mas são a simples imagem no espaço e tempo da realidade única. É o *Koilon* dos ensinamentos teosóficos, em que a vontade divina dilata a sua própria essência e gere uma circunferência, a primeira unidade de matéria, e assim resulta que tudo o que é material é o buraco da plenitude incondicionada que seria o espaço. A circunferência é no entanto a própria lei pois estabelece o nexo entre o condicionado e o incondicionado (o que está dentro e fora do círculo, e nele mesmo não há transformação alguma, a sua sombra projetada é ela mesma. Por isso dizem os antigos ensinamentos que as leis ou os Lipikas formam a circunferência do círculo da manifestação, o “anel não passarás”, pois nada que exista pode sair dele, nem nada que essencialmente seja entrar. É também muito filosófico que as linhas que se cruzem no seu centro permaneçam intactas, invariáveis, embora o centro continue virgem sem ser trespassado nunca por elas, e recorda-nos o ensinamento dos raios espirituais não manifestados e a sua natural continuação, agora dentro do espaço tempo, sem perder a sua verdadeira identidade, embora o puro agora seja “misturado”.



Quaternário harmônico $APBP'$ e sua relação com os pontos em inversão PP' .
Creative commons

Um modo fácil de estabelecer o ponto de inversão usando a tangente e a perpendicular à recta de união de ambos os pontos (e com a Origem).

Tantas e tantas metáforas que surgem da correspondência entre o que está fora e dentro, entre o macrocosmos (universo) e o microcosmos (homem) sendo a mente a circunferência que estabelece esta relação. O infinitamente grande e o infinitamente pequeno com o homem como medida, e tão semelhantes, como vemos no documentário de “As potências de Dez” (as diretas e as inversas) e que a geometria projetiva da câmara escura, ou do próprio olho evoca, e num espelho côncavo podemos ver refletido o mesmo infinito. Pois como diria Giordano Bruno, o Solus (que é mais que o que pensamos que seja o Sol físico) circunda por dentro e circunda por fora, e nada, na realidade do que pertence como Logos lhe é alheio.

SIMBOLOGIA NUMÉRICA 3

– O TERNÁRIO E A TRÍADE

Por Juan Martin Carpio



Foto de Zoltan Tasi em Unsplash

O Três exprime o simbolismo dos três aspectos Logos, que são o motor e a raiz do mundo fenomenal. Para os antigos, qualquer definição da Derradeira Realidade, do Grande Mistério estava para além da percepção humana. Agora, o que certamente se podia constatar eram os seus efeitos visíveis no Universo Manifestado.

SIMBOLISMO DO NÚMERO TRÊS

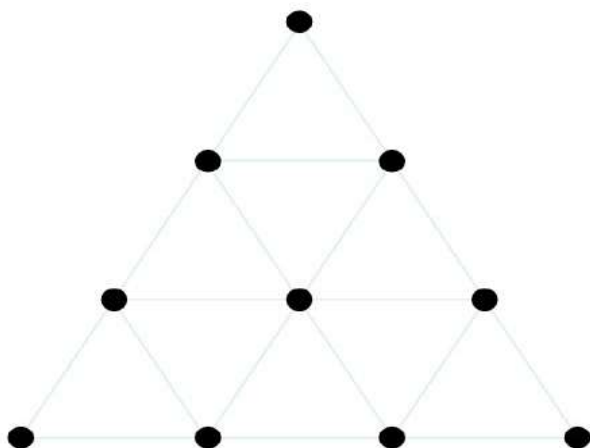
Conforme referimos no artigo anterior, ao abordar ou tratar qualquer entidade numérica como um número-símbolo e não como um número aritmético¹, verificamos que formam parte de uma sequência simbólica, à qual a nossa mente não pode escapar: os números símbolos

¹ Os números da aritmética servem-nos para fins práticos, para contar coisas. O número-símbolo representa ideias e também possui as suas próprias regras de funcionamento.

não vivem isolados, mas fazem parte de um “continuum” em evolução. Quando tratamos de os apreender, de os fixar, escapam-se como seres vivos que são, seguindo a sua própria sequência numérica vital.

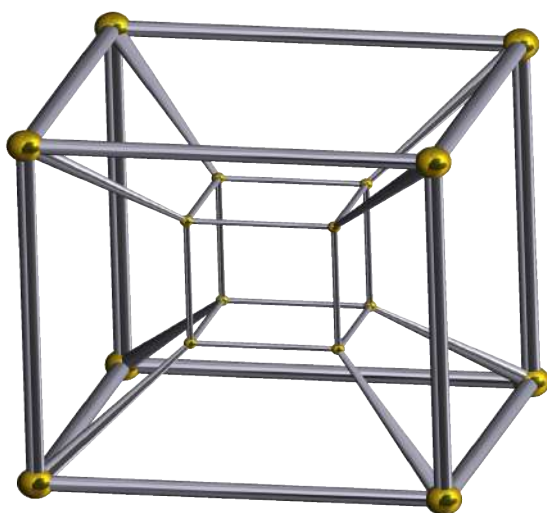
A Dualidade, explicada anteriormente, transforma-se na Tríade que completa a sua forma. É o primeiro número que possui uma tradução geométrica como figura completa: o triângulo, desta forma fechando e completando o desequilíbrio do dual.

É uma etapa que termina e que em Simbologia representa o *escalão superior da Tríade Criativa*. É tão representativo de toda a série que existe também o que se denomina “**Número Triangular**”, capaz de gerar por sua vez outra série de números triangulares. O primeiro dessa série de números triangulares representa todo o conteúdo dos números simbólicos que vamos desenvolver: trata-se da **Tetraktys pitagórica**:



Tetraktys Pitagórica. Domínio público

A Tetraktys exemplifica os passos a partir do 1 até ao 2 (segunda linha horizontal), ao 3 (terceira linha horizontal) e ao 4 (quarta linha horizontal). Isto é desde a Unidade até ao Quadrado-Quaternário que representa o nosso mundo. O nosso universo tem 4 dimensões: altura, largura e profundidade (que compõem as três dimensões espaciais) e o tempo:

Projeção das 3 Dimensões e do Tempo.
Robert Webb's Stella software

A Tetraktys condensa em si a geração numérica, sendo a sua soma 10, que é o nascimento de uma nova série, porque 10, escrito de outra forma é a unidade-gémen nascida no seio do 0:



Como referimos acima, a Dualidade implica desde o início uma Tríade, que é simultânea, ainda que na nossa consciência apareça depois. Tomemos o exemplo de

um pêndulo: se aplicarmos uma força lateral, o pêndulo oscilará para um lado e para o outro, linearmente, formando uma tríade, o centro de onde pende o movimento lateral de oscilação.



Pêndulo de Foucault. Creative commons

Cada vez que pensamos num par de opostos, inconscientemente colocamo-los sempre contra um fundo ou origem, que é o terceiro termo que constitui a tríade.

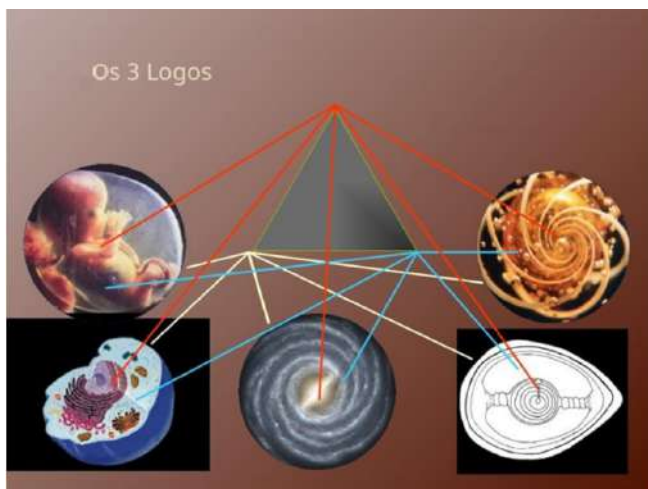
O Três exprime o simbolismo dos três aspectos Logos, que são o motor e a raiz do mundo fenomenal. Para os antigos, qualquer definição da Derradeira Realidade, do Grande Mistério estava para além da percepção humana. Agora, o que certamente se podia constatar eram os seus efeitos visíveis no Universo Manifestado.

A observação do mundo que nos rodeia permite perceber a existência de **Leis**, desde as físicas como a Lei da Gravitação, ou as psicológicas e morais, como a lei do Karma. Todas as leis implicam a existência de uma Vontade por trás delas. Por exemplo, numa sociedade humana as leis são a expressão da vontade dos seus legisladores e do Governo. Essa primeira manifestação do Mistério é o **Primeiro Logos: LEI** (nível objectivo, o que é perceptível) e **VONTADE** (nível subjectivo, o que implementa ou estabelece essa lei).

Também posso observar que todas as coisas se desenvolvem graças a uma força que as coloca em movimento, uma energia que está ao mesmo tempo presente no mundo vegetal, nos animais, etc., formando conjuntos harmoniosos no contexto da manifestação da vida. Hoje chamamos-lhes Ecologia e Biologia. Essa energia partilhada é cuidadosa e até "carinhosa" com os seres, quando um ramo de uma árvore se quebra, as resinas cobrem as feridas e observo o mesmo numa ferida ou numa doença no ser humano, trata-se da chamada "**Energia Vital**", que provém de uma "Sabedoria" essencial. Não é um conhecimento que se adquira em livros ou nas universidades, mas que está impresso, por assim dizer, na própria raiz da Vida, sendo por isso uma Sabedoria Vital. É **AMOR** (nível subjectivo) **ENERGIA-VIDA** (nível objectivo) que se exprimem como força activa do Amor Vital. Nisto consiste a segunda característica do Logos.

Finalmente posso constatar a presença dentro de cada ser de **Estruturas Inteligentes**, basta possuir um pouco de espírito científico para reconhecer os muito bons “desenhos” presentes na Natureza, tudo tem estruturas inteligentes, bem pensadas, o que denota a presença de uma inteligência subjacente. É nisso que consiste a terceira expressão do Logos: **FORMA** (nível objetivo) – **INTELIGÊNCIA** (nível subjetivo).

Estes três aspectos do Logos atravessam o Universo do mais alto ao mais baixo: dos Ninhos de Galáxias, passando pelos Sistemas Solares, Seres Humanos, partículas atômicas... e têm a sua expressão particular em cada uma dessas esferas ou níveis. Podemos dizer que esta marca também se encontra no Espírito no ser humano:



O ESPÍRITO É POESIA OU REALIDADE?

As definições que geralmente são dadas sobre o espírito humano estão cheias de analogias, poesia e... fantasia.

Se imaginarmos por um momento que somos um ser humano que teve uma daquelas estranhas doenças em que não podia sentir o toque, nem mesmo o toque interno, o que nos permite conhecer as posições de nossas articulações e, assim, sentir a gravidade (por exemplo, a *tabes dorsal*) e se também imaginássemos que não temos visão, olfato ou audição, então seríamos uma espécie de mente a trabalhar sem contato físico com o exterior.

Suponha que outra mente comunica-se conosco, telepaticamente perguntando-nos algo assim: “Poderia dizer-me o que é o Espírito? Eu pergunto porque outra mente disse-me que existe algo chamado assim, mas não conseguiu explicar-me.” Nesse caso, o que poderíamos responder?

As explicações habituais como: “é algo muito profundo e interno”, “é a nossa parte superior”, ou “é como uma

forma subtil semelhante, mas transparente”, seriam respostas totalmente absurdas, pois sem ter sentidos ou contacto através do corpo, **qualquer definição que falasse de “superior”, “dentro”, “subtil”, “transparente”, não teria qualquer significado**; todas são definições alegóricas e poéticas que usam os nossos sentidos e o nosso corpo como referência.

Em vez disso, teríamos que dizer que não sabemos, ou poderíamos tentar responder algo assim:

“Não sei que mistério é esse que vocês chamam de Espírito, mas o que sei é que existem fenómenos estranhos que acontecem quando penso. Às vezes acontece que, quando estou a pensar, posso observar-me a fazê-lo. É como se houvesse dois “eus” dentro de mim ao mesmo tempo, um que pensa e outro que observa e julga, e essa segunda parte de mim é mais objetiva, menos egoísta, mais racional e nobre.”

“Há também um segundo fenómeno: quando tento encontrar a solução para um problema, penso e penso, mas não a encontro, até que de repente, sem pensar, encontro a solução, de forma clara e óbvia, embora não saiba de onde vem.”

“O terceiro fenómeno é que tenho ideias que tento evitar e não consigo, ou pelo contrário quero fixar-me numa ideia mas a minha mente foge para outros pensamentos. No entanto, há momentos em que um poder estranho vem em meu auxílio e que me ajuda a manter as minhas ideias na direção certa ou impede que o meu pensamento caia em ideias circulares sobre as quais não quero pensar.”

Bem, se analisarmos essa resposta, veremos descritos **os 3 aspectos do Logos manifestados no ser humano: Vontade, Sabedoria e Inteligência.**

- A Inteligência, manifestada como Mente Superior, que é objectiva, que nos observa pensando e que é uma irradiação da Inteligência do Terceiro Logos.
- Também se manifesta em nós o segundo aspecto do Logos ou Sabedoria, que nos dá a capacidade de ter Intuição, de saber sem pensar, de Iluminação.
- E finalmente o terceiro fenómeno consiste nessa poderosa força que pode canalizar os pensamentos na direção correcta, seguindo o sentido do Dever e da Lei, e que é a Vontade Pura no ser humano, expressão do Primeiro Logos ou Vontade-Lei.

Assim, o número Três no ser humano, corresponde à manifestação da Tríade Logóica como **Atma** (Vontade-Lei), **Budhi** (Sabedoria), **Manas** (Mente Superior, Inteligência). Essas são as definições reais do Mistério que se manifesta em nós, o resto é poesia.

Continua

A ENEIDA (AENEIS) E A DIVINA COMÉDIA: UMA LEITURA

Por João Porto



Representação de Virgílio no mosaico de Monno. *Wikimedia Commons*

Publius Vergilius Maro, (70 - 19 a.C.), é o autor da Eneida, poema que narra a fundação de Roma na região do Lácio por Enéias, herói troiano que escapara do desastre da queda da cidade de Tróia, assim ligada hereditariamente ao surgimento do povo italiano. Roma absorveu muito da cultura grega e isso é evidente na influência que a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero na composição dos doze livros que compõem a Eneida.

Vergílio, que pertenceu ao grupo dos “poetas alexandrinos” que buscavam o conhecimento nos poetas gregos do século 3 a.C., é considerado o maior poeta latino. Dante Alighieri, na *Divina Comédia*, atribui-lhe a missão de ser seu guia no Inferno e no Purgatório.

Dos “poetas alexandrinos” que influenciaram mais os romanos destaca-se Calímaco (300 - 240 a.C.), designado

por Ptolomeu II bibliotecário durante 20 anos da Biblioteca egípcia de Alexandria e a quem é atribuída a publicação de mais de 800 livros; Apolônio de Rodes (295 - 215 a.C.) sucessor de Calímaco na direcção da Biblioteca de Alexandria e autor da "Argonautica" onde se relata a aventura de Jasão na procura do velo de ouro; Teócrito (310 - 250 a.C.) de quem foi seguidor Vergílio no estilo poético pastoral nas Eclogas e muitos outros como Aristarco de Samotrácia (215 - 131 a.C.), autor do primeiro sistema heliocêntrico, discípulo de Aristóteles de Bizâncio (257 - 187 a.C.) que lhe sucedeu também na direcção da Biblioteca de Alexandria, autor de cerca de 800 papiros e de uma edição dos Hinos Homéricos.

A Biblioteca de Alexandria fundada em 332 a.C. por Alexandre o Grande, era o centro do desenvolvimento da ciência astronómica e matemática, para não citar amplas referências à ciência geográfica e médica e às Artes, onde pontificavam nomes como Arquimedes e Euclides fundador da Escola de Matemática na dependência da Biblioteca de Alexandria, herdeira das tradições dos Mistérios Herméticos e dos profundos conhecimentos de geometria egípcia. Não esqueçamos Eratóstenes que chegou a medir o perímetro da Terra, com uma margem de erro incrivelmente pequena.

Por último entre os génios matemáticos da Antiguidade e encerrando a existência da Biblioteca encontramos Hipátia (370 - 415 d.C.), brutalmente assassinada por um grupo de fanáticos religiosos a mando de Cirilo, arcebispo cristão de Alexandria. Possuidora de uma esmerada educação conferida pelo seu pai Teon, e que incluía arte, ciência, literatura, filosofia, oratória, retórica e uma formação profundamente politeísta que colidia com os interesses do cristianismo. Hipátia tem sido desde sempre comparada a Ptolomeu, Euclides, Apolônio, Diofanto ou Hiparco. Porém, os seus tratados, entre os quais apenas sobreviveram um sobre as cônicas de Apolônio e outro sobre a geometria euclidiana, foram destruídos com a Biblioteca, ou quando o templo de Serápis foi saqueado.

Afirma Carl Sagan¹ "Existem lacunas na História da Humanidade que nunca poderemos vir a preencher. Sabemos, por exemplo, que um sacerdote caldeu chamado Berossus terá escrito uma História do Mundo em três volumes, na qual descrevia os acontecimentos desde a Criação até ao Dilúvio (período que ele calculava ser de 432 mil anos, cerca de cem vezes mais do que a cronologia do Antigo Testamento!). Que segredos poderíamos nós desvendar se pudéssemos ler aqueles rolos de papiro? Que mistérios sobre o passado da humanidade encerrariam os volumes desta biblioteca?"

Vergílio, conhecedor das tradições místicas da Escola de Alexandria, herdadas dos ancestrais sistemas filosóficos babilónicos zoroastrianos e hinduístas dos escritos Upanishads, faria reflectir na Eneida no Canto VI, quando

ao fazer o herói troiano Enéias percorrer o Tártaro e o Elísio na busca do pai Anquises, nos dá conta de forma exploratória e concisa "dos reinos sem consistência"², seguindo os preceitos da Sibila, uma viagem aos reinos onde o tempo não é senhor, permitindo o vislumbre do futuro que o espera e ao mesmo tempo um relato pormenorizado e por vezes horrendo das situações que envolvem as almas que os povoam, tal como Dante Alighieri o faz na Divina Comédia também pela mão avisada e conhecedora de Vergílio na visita às dimensões imateriais do Purgatório e do Inferno.

Tal como na mitologia egípcia existe um barqueiro – Anúbis, o Caronte na Eneida, que transporta as almas, "leves seres incorpóreos, que volitam sob a oca aparência de corpos"³, na transposição do rio das lamentações, o Aqueronte que "fervilha e vomita toda a sua vaza no Cocyto". O rio tomado aqui como ideia de fluxo continuamente evolutivo e transitório na sua constituição, propagativo de fenómenos locais, tal como um sistema ondulatório de probabilidades. Ali, no rio, os espaços (as margens) ditam às massas (águas) como se comportarem e as massas (águas) ditam aos espaços (margens) como se apresentarem. O mesmo acontece no Espaço e no Tempo einsteiniano onde ambos têm uma natureza relativa e não absoluta newtonianas. O barqueiro, como um deus, é o viajante no Tempo que tudo regula nas diferentes dimensões ao estabelecer leis que regulam o comportamento de quem transitoriamente se apresenta para transpor as ondulações das águas que possuem cor, de forma semelhante como as frequências do espectro visível. É assim que surge a "vaza esverdeada de limo sem forma"⁴, ou "um rio rápido com chamas abrasadoras"⁵, ou ainda as águas do rio Estige com um tom avermelhado.



Antaeus (grego) o deus egípcio dos barqueiros
Fonte: Por A8takashi – Obra do próprio

1 Sagan, Carl, Cosmos, Editora Gradiva, 1980.

2 Eneida, Vergílio, Bertrand Editora, Lisboa 2020, Canto VI, 260.

3 Eneida, VI, 290 (p.159).

4 Eneida, VI, 410 (p.163).

5 Eneida, VI, 550 (p.168).

Para além do rio Estige outros quatro desembocam no submundo do deus Hades, tais como o Aqueronte (rio da dor), outros como o Letes (rio do esquecimento), o Phlegethon (rio do fogo) ou o Cocytus (rio das lamentações). Caronte, é o barqueiro mediador que transporta as almas dos mortos através dos rios de acordo com os Manes (karma) de cada uma, em direcção ao submundo.

A transmigração das almas (espíritos) e a reencarnação são assuntos assumidos em ambos os poemas: na Eneida por estar no tempo mais próxima das fontes, e na Divina Comédia temporalmente numa época posteriormente distinta, a da Idade Média, influenciada claramente pela primeira ao colocar Vergílio como figura central, fosse ainda pela retoma das tradições defendidas nas doutrinas e filosofias místicas do Antigo Egipto, e que muitos atestam ao conferirem a Dante os conhecimentos exigidos.

Prova Anquises a existência da alma (espírito), no seu discurso a Enéias, quando finalmente se encontram de forma virtual, e esclarece: " Vou dizer-te então, filho, e não te deixarei na incerteza... Antes de mais deves saber que um espírito imanente alenta o céu e as terras, as planícies líquidas (os oceanos), o refulgente globo lunar e o astro do Titã (o Sol), e uma alma, derramando-se pelos membros, põe em movimento toda a matéria e penetra o magno corpo."⁶.

E logo á frente diz, reforçando a concepção da reencarnação: "Cada um de nós sofre os seus Manes (destino, karma). De lá somos enviados para o amplo Elíseo (paraíso). Poucos habitamos os campos da alegria. Até que o longo passar dos dias, completado o ciclo de tempo, nos livra de labéu antigo e deixa puro o celeste sentido e o puro fogo do espírito. O deus evoca todas estas, depois de terem feito girar durante mil anos a roda do tempo, para junto do rio Letes (rio do esquecimento), em grande multidão, precisamente para que, esquecidas, voltem a contemplar a abóbada celeste e comecem a ter o desejo de regressar aos corpos."⁷

Na mitologia grega o rio Letes fluía pelas cavernas de Hypnos, o deus do sono, considerado a antecâmara da morte. As almas dos mortos só estariam aptas a reencarnarem quando obrigadas a beberem do rio para esquecerem as suas vidas passadas. A Eneida faz referência a esta obrigação. Porém ao não beber do rio Letes, a alma poderia ver ultrapassado a sujeição ao ciclo de morte, esquecimento e renascimento, como ensinavam os mistérios órficos, onde outro rio, o Mnemosyne rompia o tecido do espaço-tempo.

Também o físico teórico italiano Carlo Rovelli se sente atraído pela ideia da água e do mar oceano, quando intuitivamente tenta descrever o espaço-tempo como laços do campo gravitacional na escala de Planck

(10^{33} cm), ao referir que "o tecido formado pelos laços é muito mais cerrado do que os aglomerados de átomos que vivem dentro dele. Podemos ver estes últimos como grandes pérolas bordadas no tecido fino de uma camisa – ou talvez como peixes num mar onde cada molécula de água corresponde a um laço."⁸.

Deverá ser a este nível onde quase tudo se passará: onde em vez do espaço-tempo contínuo que nos é dado constatar macroscopicamente no nosso dia-a-dia, nos transpomos para a fluidez dimensional das altas energias vibracionais dos "laços quânticos" que se contêm a si próprios, e que se rompem na presença de massas como os campos electromagnéticos na presença de cargas eléctricas, ainda de acordo com Rovelli.

Estas massas, neste caso poderiam ser vórtices energéticos criados na aniquilação partícula-antipartícula das flutuações do vácuo quântico, matematicamente revelados nos Diagramas de Feynman e detectadas pelo Efeito Casimir. Espécie de nano buracos negros, irmãos microscópicos dos titânicos cosmológicos, e que afinal no seu conjunto sustentam a nossa realidade material, de onde tudo procede, como ilusão resultado de uma profunda magia que o CERN – Organização Europeia para a Investigação Nuclear, ainda não possui, mas contudo corporizado num processo antevisto nos Vedas pelo ciclo infinito dos Gunas figurados nos Rajas-Tamas-Sattva ou na filosofia japonesa taoista das forças Yin-Yang.

Em ambos os casos teríamos corpos estelares, sóis mitologicamente designados por Titãs, fossem eles as estrelas de neutrões com massa acima daquela de Chandrasekhar, fontes de Buracos Negros de dimensões cosmológicas e depois, aos nossos olhos passados éons de tempo, convertidas pela acção da Radiação de Hawking (efeito partícula/antipartícula) em Estrelas de Planck, ou fossem ainda os nano buracos negros/brancos gerados nas flutuações do vácuo quântico (o mesmo efeito partícula/antipartícula).

Diz Hermes Trismegisto no seu segundo Aforismo da Correspondência: "O que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima."

Afirma Rovelli: "O pensamento científico está consciente da nossa ignorância. Eu diria até que o pensamento científico é a própria consciência da extensão da nossa ignorância e da natureza dinâmica do conhecimento. É a dúvida, não a certeza, que nos faz avançar."⁹.

Nos Cantos dos grandes poemas da humanidade, de que fazem parte a Eneida e a Divina Comédia, a certeza carece de prova porque a revelação faz parte da mente intuitiva que acede aos arquétipos e às construções mentais colectivas da humanidade reveladas por Platão e Jung.

Ponta Delgada, 4 de Junho de 2022

6 Eneida, VI, 730 (p.173).

7 Eneida, VI, 750 (p.174).

8 Carlo Rovelli, E Se o Tempo não Existisse?, Edições 70, Fevereiro 2022 (p.42).

9 Carlos Rovelli, E Se o Tempo não Existisse?, Edições 70, Fevereiro 2022 (p.65).

O MARQUÊS DE POMBAL E A PINTURA *CONCÓRDIA FRATUM* NO SEU PALÁCIO

Por José Carlos Fernández

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal



Husond em Wikipédia em inglês
Licença: *Creative commons*

Que belos e que serenos, que clássicos os jardins do Palácio do Marquês de Pombal com a geometria e a elegância dos jardins de Versalhes. Que paz erradia a chamada “Casca dos Poetas” com uma gruta artificial em torno a estátua do rio Tejo, banhada como se fosse uma libação pelas suas próprias águas.

Quantas recordações do primeiro Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal na sua residência próximo de Lisboa. E embora não hajam provas de facto, é muito fácil

deduzir que este génio político e organizativo, que reger os destinos de Portugal durante 27 anos ao serviço do rei D. José I em pleno período de despotismo iluminado, conheceu os ideais da Maçonaria e talvez também os seus ensinamentos místicos. E governar, governou com mão firme e serena no seu período mais crítico, com o terramoto de 1755, ao ponto de quase extinção do país luso por exaustão da sua economia, educação, agricultura, indústria, legislação, etc., etc., pela inércia

gerada pelos rios de ouro que chegavam das colónias e com a teia de aranha espiritual dos jesuítas, que de inovadores e de mente aberta (nos tempos da Escola de La Flèche onde aprendeu Descartes, por exemplo, um século e meio antes) tornaram-se um cancro para os diferentes Estados da Europa e inimigos de toda a forma de livre-pensamento.

Mas, dado que este artigo é para uma revista de Matemática e Filosofia, queremos agora olhar para um detalhe geométrico de uma pintura que preside, no tecto, a uma das suas habitações e que mostro de seguida.



Do autor.

Licença: Domínio público

Vemos o Marquês de Pombal ao centro com os seus dois irmãos e abraçados de maneira estranha, enquanto um númen celestial, sobre uma nuvem, porta uma tocha e os fasces do bom governo. Uma legenda, num papel meio desenrolado, dá o tema e o título ao quadro: CONCÓRDIA FRATERNITAS, concórdia entre irmãos.

O Marquês de Pombal (referimo-nos, claro está, a Sebastião José de Carvalho e Melo) é acompanhado pelos seus irmãos, Francisco Xavier de Mendonça, capitão geral do exército, e Paulo António de Carvalho e Mendonça, nomeado cardeal inquisidor, cargo que nunca chegaria a exercer por ter falecido antes de receber a notícia de tal nomeação. Os três, que vinham de um dos ramos da nobreza menor, vão ocupar os cargos mais importantes do poder nos diferentes âmbitos, no político, no religioso e no militar.

Chama-os a atenção o surpreendente abraço que forma um símbolo do infinito, num entrelaçamento sem fim próprio do estado de Concórdia. O estranho gesto, também, em que se entrelaçam as mãos levaram alguns estudiosos a perguntarem se não será também

um sinal de reconhecimento maçónico ou de alguma ordem secreta. Também, ao serem todos representantes dos três poderes que governam uma sociedade, fazem pensar que não é só a Concórdia entre eles como pessoas, mas também a função que representam e que permitem, neste caso, a Concórdia de um Estado.

Mais interessante, talvez, seja o ângulo que forma o ceptro-tocha e o feixe de varas (fascas) suportado pelo deus ou anjo trazendo esses símbolos mágicos do Céu à Terra. Um é a filosofia, o conhecimento, a luz que permite ver para onde e como avançar. O feixe representa a recta política ou recto governo, ou inclusive a Justiça ou a Legislação que saudavelmente atam as vontades para não se perder o sentido de unidade e fortalecer-se na União ante os embates das águas de dissolução a que está exposto tudo o que vive até se separar e desintegrar. É o “unamo-nos” para resistir, lógico naqueles que participam de um mesmo Ideal, com maiúsculas, ou seja, não por interesse egoísta recíproco mas sim por identidade de natureza e comunhão espiritual.

Neste caso, o ângulo, que determina, como diziam Platão e Schwaller de Lubicz, uma essência, uma natureza pura (um netjer ou deus, figurado por uma acha de ouro de fio único) é o de 60° , ou seja, próprio de um triângulo equilátero, que está implícito, e cuja base oculta se encontraria no céu enquanto projecta o seu foco criador em direcção à Terra.

Este triângulo equilátero, em que lados e ângulos são iguais, é também de interesse para a Maçonaria, tão cara aos simbolismos geométricos. É o símbolo de Perfeição, Harmonia e Sabedoria. Com um olho no seu interior converte-se na face flamejante de Deus, a expressão harmónica da unidade que trespassa tudo o que existe. E também é associado com o Espaço, o Tempo e o Número. Os três iguais, interdependentes e harmoniosos, e que inspirariam depois o ternário de valores Liberdade-Igualdade-Fraternidade (imagino que ainda muito distante do pensamento do Marquês de Pombal) são evidentemente um perfeito símbolo para a Concórdia, essa harmonia levada ao extremo no “Coração com Coração” que é o sentido profundo dessa Concórdia.

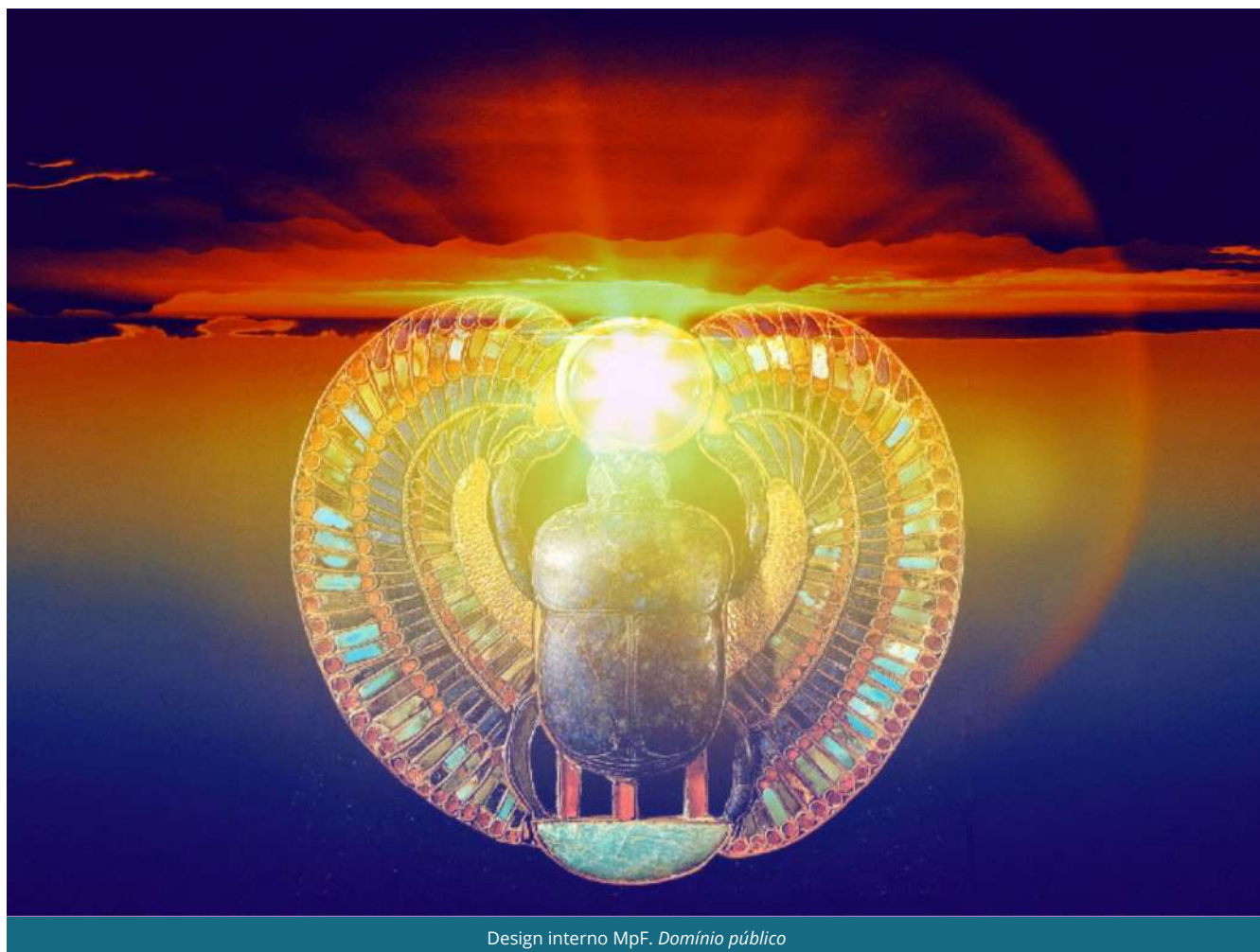
E foi, sem dúvida, esse sentido de Concórdia unido a uma Fortaleza e Determinação inflexível, e uma clara visão dos acontecimentos e do futuro, que permitiram que esta figura, o Marquês de Pombal, salvasse Portugal de uma crise tão grave que nos atrevemos a chamá-la ponto de morte da nação, fazendo-a renascer, quase, das suas cinzas como na mítica ave Fénix.

Almada, 17 de Outubro de 2022

SIMBOLOGIA NUMÉRICA 4

– O QUADRADO FÉRTIL

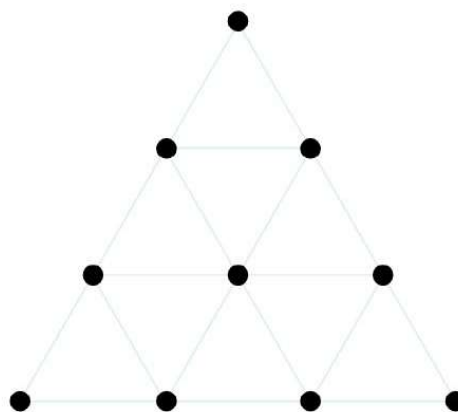
Por Juan Martin Carpio



Design interno MpF. Domínio público

Quatro são também as direções do Espaço em que a manifestação se instala e nas quais nos movemos, e 4 são as Dimensões em que habitamos, e em 4 o espiritual toma seu assento, caso contrário não poderia manifestar-se. Assim nasce um dos símbolos mais antigos que conhecemos da cultura egípcia: a Pirâmide, ou seja, o Três ou o Espírito no Quatro do Mundo.

No capítulo anterior vimos como os pitagóricos expressavam a geração dos números simbólicos (não confundir com os aritméticos que usamos todos os dias) através do chamado Tetractys.



Tetraktys Pitagórica. Domínio público

NÚMEROS

O desenvolvimento simbólico-numérico começa na unidade e a partir daí completa a sua base com o número quatro. Todos esses números juntos somam 10, que corresponde ao final de um ciclo numérico e o início de outro. Usando a chamada “soma teosófica” podemos ver como a nova série é uma repetição noutro nível da mesma coisa, assim:

Primeira série: 0,1,2,3,4,5,6,7,8,9

Segunda série:

$$\begin{aligned}10 &= 1+0 = 1 \\11 &= 1+1 = 2 \\12 &= 1+2 = 3 \\13 &= 1+3 = 4 \dots \text{etc.}\end{aligned}$$

Terceira série:

$$\begin{aligned}20 &= 2 + 0 = 2 \\21 &= 2 + 1 = 3 \\22 &= 2 + 2 = 4 \dots \text{etc.}\end{aligned}$$

A Tetractys chega à sua base com o número quatro. Precisamente aí o simbolismo dos números mais metafísicos termina, e começam os números mais relacionados com o mundo, aqueles que têm a ver com a criação e evolução do que foi criado, até retornar à sua origem. Mas não nos adiantemos.

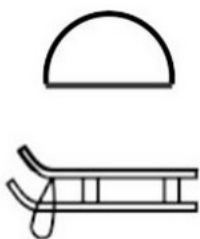
EGITO ANTIGO: CRIAÇÃO E NÚMEROS

Os egípcios também entendiam as origens como uma sequência numérica mais ou menos explícita. Assim, em suas teogonias, as sequências geradoras dos “deuses” representavam na verdade o nascimento de tudo que se manifestava da Escuridão das Águas Primordiais de Nun. Digamos que foi o “Big Bang” para os egípcios.

Essas Águas Primordiais do Caos continham ocultas no seu interior, ou seja, não manifestado, mas em potencial, um deus, ou talvez seja melhor dizer um conceito: **Atum**, uma palavra que curiosamente na língua egípcia significa TUDO e NADA ao mesmo tempo.



O seu hieróglifo mostra um sol, nascendo ou se pondo, ao lado do trenó que conduz pelo deserto os restos funerários.



É a viagem da vida para o lugar da morte, no seu caminho por este deserto, até chegar às câmaras funerárias onde desaparecerá da vista de todos, como o próprio sol: o Todo do início da criação e o Nada quando mergulha nas águas para desaparecer, segundo o Livro dos Mortos do Antigo Egito “como uma serpente desconhecida”.

Mas antes de vermos como as coisas começaram, teremos que imaginar o silêncio que precede a sua manifestação é o silêncio que todos podemos experimentar ocultos na noite e esperando o nascer do sol junto ao deserto:

“A Forma Una de Existência, ilimitada, infinita, sem causa, permanecia sozinha num Sono Sem Sonhos; e a Vida pulsava inconsciente no Espaço Universal, em toda a extensão daquela Omnipresença que o Olho Aberto de Dangma percebe.”

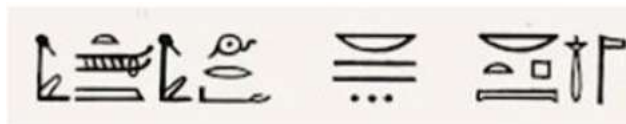
“As Estâncias de Dzyan”, Cosmogénese.

Mas o que leva Atum a manifestar-se no seu papel de iniciador de Tudo? **Khepri**, o deus escaravelho egípcio e um termo que vem de uma raiz que significa “Vir à Existência”, é um símbolo da evolução do tempo, e do nascimento e movimento da consciência. A hora soou, o tempo colocou-se em movimento e este ciclo de criação começou.

“A última vibração da Sétima Eternidade pulsa através do Infinito. A Mãe entumece e expande-se de dentro para fora, como o Botão de Lótus. A Vibração propaga-se, e suas velozes Asas tocam todo o Universo e o Germe que habita nas Trevas; as Trevas que sopram sobre as adormecidas Águas da Vida.”

“As Estâncias de Dzyan”, Cosmogénese.

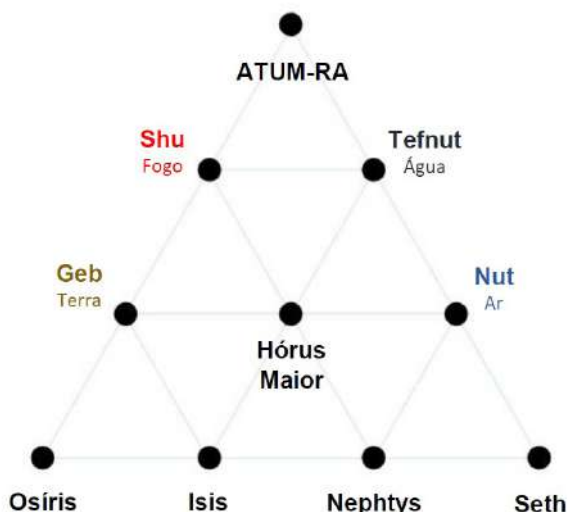
Então, Atum, “Aquele que existe por si mesmo”, porque é incriado, põe-se em movimento, transforma-se, e através de sua consciência solar, Ra, torna-se Atum-Ra, o Uno, “O Poderoso Senhor do Céu e das duas Terras”, como diz o hieróglifo:



Das próprias entranhas das águas de Nun surge então o Sol, impulsionado pela Necessidade do Tempo, navegando no Barco de Milhões de Anos e dando origem a toda a Enéade, os 9 deuses que, juntamente com o “Desconhecido”, fazem o número perfeito.



Mas não vamos tão rápido, a Evolução levou milhões de anos e levaremos apenas alguns minutos; vale a pena. Primeiro veio o número **Dois**, a Dualidade: **Shu**, a luz de Ra e o fogo, e **Tefnut**, a umidade e a escuridão, assim compõem o Yin e Yang da criação, como diriam os chineses. Ambos, juntamente com Atum-Ra, formam o **Três** inicial.



Produção interna MpF. Domínio público

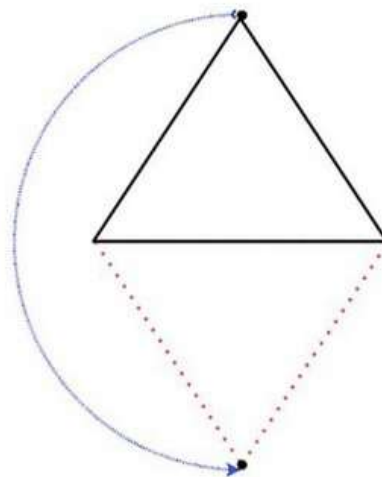
Destes deuses primordiais é gerado outro casal que completa os 4 elementos: **Nut**, o céu e o ar, e **Geb** a terra. Assim se alcança o **número quatro**, base de toda manifestação: **Terra**, **Água**, **Ar** e **Fogo**. Apenas mais um passo e chegamos aos **Cinco deuses** que estão em contacto com os humanos: Osiris, Ísis, Néftis, Seth e Hórus, o Velho. Mas deixemos isso para outra ocasião.

Na China Antiga, o “Caminho do Céu”, o **Tao**, é o que está além do que pode ser explicado. Diz o livro sagrado, o “Tao-Te King”:

“O Tao que pode ser expresso não é o verdadeiro Tao. O nome que lhe pode ser dado não é o seu nome verdadeiro. Sem nome é o começo do universo; e Com nome é a mãe de todas as coisas...”

Todas essas teogonias começam da mesma maneira, com o Escuro Abismo inicial, o **Tohu va-bohu** da Bíblia, escuro porque a mente humana não pode captá-lo. Dali emergirá a semente, que dará origem a todas as coisas.

Essa semente, o Um sempre em movimento, expande-se em dois, combina-se para formar o três, e agora forma o 4: É o Um sempre presente, que no seu movimento incessante gera 4 a partir do 3:



Essa mesma projeção ilusória do ponto, como o que se move no ecrã da televisão, é o que cria a ilusão de tudo o que existe.

Quando o Quatro se estabelece, aparecem os Quatro Constituintes básicos, as Quatro Modalidades que os clássicos atribuíam aos Elementos Mãe de todo o Universo.

A **Terra**, como representante de tudo o que é sólido, de tudo o que a Ciência moderna conhece, o que está na base dos átomos, das partículas subatômicas, dos elementos químicos, que não devem ser confundidos com esses Elementos Mãe, formando assim todo tipo de compostos.

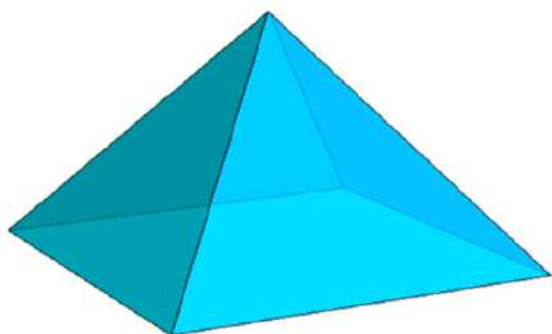
NÚMEROS

A Água, como representação de todo o movimento subjacente à Vida, a pura Energia, nas suas múltiplas manifestações.

O **Ar**, aquilo que expande ou contrai o ser, que lhe permite subir ou descer emocionalmente, o que respira ou exala, o movimento em três dimensões, e também todos os sentimentos e sensações. Em suma, tudo o que a “Anima” comporta, da qual nada carece, nem os animais, nem as plantas, nem os átomos, embora nestes últimos apenas em embrião.

O **Fogo**, como a “penúltima” raiz que inteligentemente organiza o mundo, é a base de toda ideia geradora de formas, desde o pensamento até a racionalização das intuições que vêm do Espírito, e que sem a ajuda desse fogo mental ficariam reduzidas a impulsos sem sentido.

Quatro são também as direções do Espaço em que a manifestação se instala e nas quais nos movemos, e 4 são as Dimensões em que habitamos, e em 4 o espiritual toma seu assento, caso contrário não poderia manifestar-se. Assim nasce um dos símbolos mais antigos que conhecemos da cultura egípcia: a Pirâmide, ou seja, o Três ou o Espírito no Quatro do Mundo.



E quando a pirâmide como símbolo se refere ao ser humano, então ela transforma-se na pedra Ben Ben.



Pedra Ben Ben. Piramidon da Pirâmide de Amenemhet III – Dashur.
Museu do Cairo. Domínio público

A pequena pirâmide que coroa os obeliscos, sobre a qual pousa a Ave Celestial Egípcia, o Bennu, que, como o Kalahamsa dos hindus ou a Fênix dos gregos, instala-se nos seus ciclos intermináveis sobre o mundo, fazendo com que o Ternário Espiritual tome novamente assento nos seres humanos e, às vezes, nas eras de ouro, nos povos.

Assim, o Três manifesta-se no 4, fecundando-o e formando o emblema sagrado da Pirâmide, que é o mesmo Homem consagrado, e sem o qual seríamos apenas animais que rastejam no seu quaternário inferior.



Ave Bennu.
Creative commons

Continua.

AS PARÁBOLAS SÃO TODAS UMA ÚNICA PARÁBOLA

Por José Carlos Fernández

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

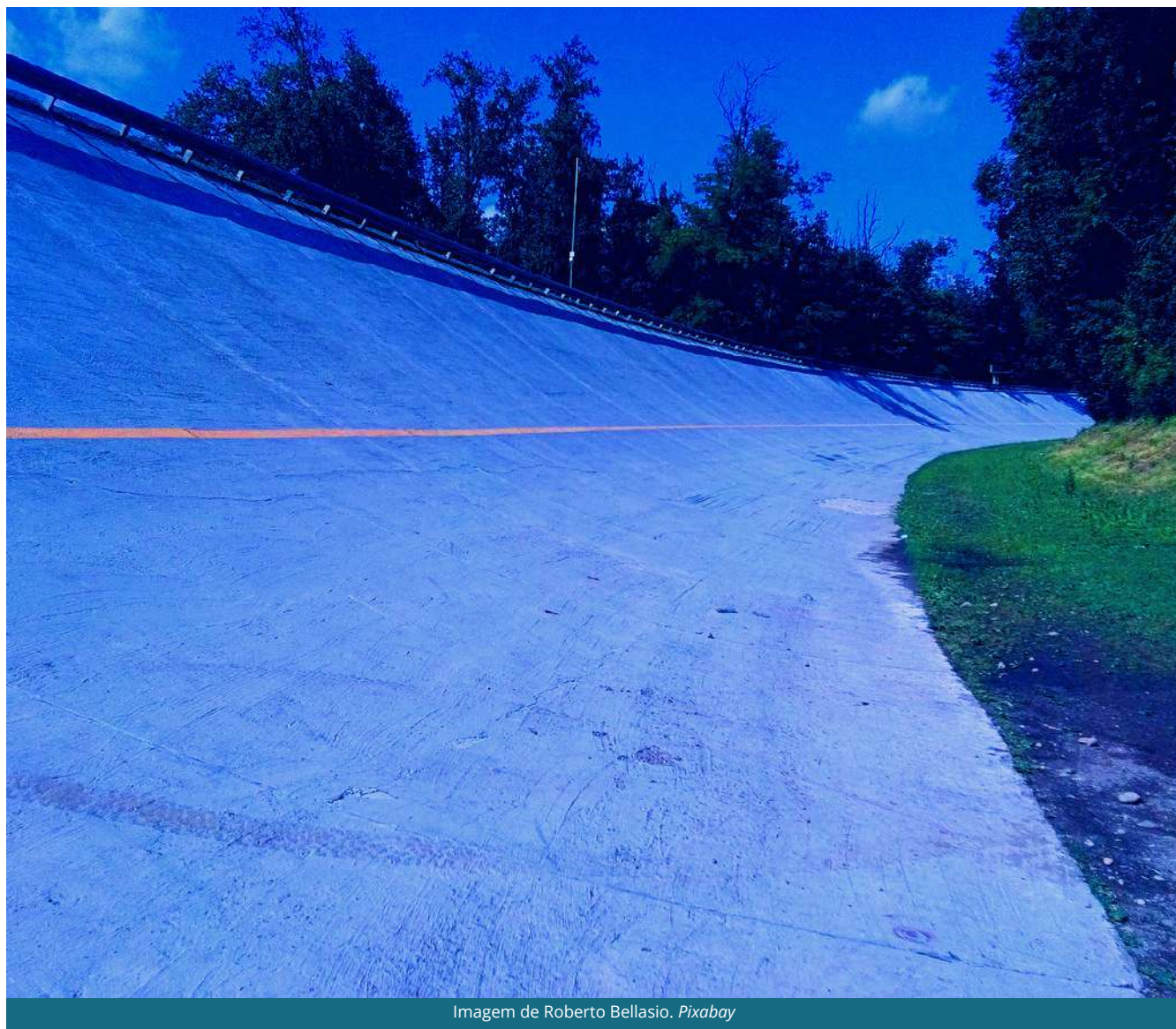


Imagem de Roberto Bellasio. Pixabay

Há alguns anos tive o prazer de estudar um pouco a beleza das curvas cónicas, e entre elas a parábola, quando me documentei para escrever o romance “A Viagem Iniciatória da Hipatia”, porque esta sábia Alexandrina escreveu um tratado matemático sobre elas, infelizmente perdido.

Em relação às passagens do livro em que eu filosoficamente divago sobre estas curvas, a grande Lúcia

Helena Galvão deu uma conferência muito popular na qual fez comentários de real interesse e que aqui se pode ver:

https://www.youtube.com/watch?v=bGZVauZla7g&ab_channel=NOVAACR%C3%93POLEBRASIL

As parábolas prestam-se muito bem, como curvas da vida que são, a uma série de metáforas, analogias e abstrações filosóficas. Por exemplo, falando nesta

curva da relação entre o ponto chamado Foco (1) e a linha Directriz (2), e como a Parábola surge da relação dinâmica, que existe entre eles, ou seja, a relação dinâmica entre Unidade e Dualidade:

Hipatia diz aos seus discípulos

“Use agora os vossos conhecimentos da Aritmética Sagrada: o ponto ou foco representa a Unidade; a Linha é o símbolo da Dualidade, e, portanto, da matéria, ou do espelho da pura existência, uma espécie de grande sabedoria ou grande ilusão, de acordo com os gimnosofistas. “Maya”, assim a chamam. A curva é a relação harmónica entre os dois, é, portanto, uma forma dinâmica de expressar o 3, o Ternário, e simbolizar então, tudo o que está vivo, o “filho” ou o Cosmos. Pois a parábola é a curva natural de toda a vida: tudo surge na arena do mundo com um certo impulso e continua até que a plenitude da sua força a leve, mas depois começa o regresso à “mãe”, a decadência para se fundir novamente com ela; Isto é o que chamamos de morte. Perseguindo a liberdade interior, a sabedoria ou qualquer das ilusões do mundo, crescemos; Mas, mais cedo ou mais tarde, a decadência afeta as nossas faculdades, porque a alma, sendo o verdadeiro motor da vida, no seu regresso ao mundo celestial cai, já sem asas, a matéria que sustentava. Esta é uma verdade sobre a natureza que quer chegar ao divino, que é o seu eterno amado; Ergue-se, abraça-a, floresce e dá frutos, e cai. A linha directriz é o espelho mágico que todos anseiam alcançar, querendo abraçar o seu próprio duplo celestial. A curva desenha como as civilizações se elevam, como sobem a montanha de conquistas – isto é, como constroem a pirâmide – sempre com os olhos naquele espelho mágico ou naquele Céu onde habitam as Ideias Puras e que servem de modelo para tudo o que capturam na Terra. Mas então, uma vez que a civilização floresce, chegou ao seu cume, percebeu o que Platão chama de Logos na Terra ou sintonização com aquela Estrela da perfeição, a civilização começa a olhar para a terra e não mais para o céu: é a descida à matriz escura, à decadência e à morte. Agora, se invertermos essa curva, a parábola, o que vemos é a curva da alma, forçada a encarnar em matéria (no primeiro exemplo a linha reta de direção era o céu, e a curva, a da natureza; agora, a orientação é a terra e a curva que da alma) desce até que quase se funde com ela, Mas não pode fazê-lo porque são de naturezas incompatíveis, no seu extremo inferior é quando semeia na terra e desenvolve experiências. Ela apercebe-se de si mesma neste espelho material, da sua natureza e poder, fertiliza o mundo com ideais e sonhos divinos, e agora deve voltar ao mistério infinito de onde desceu, pois é ao infinito que esta curva se abre.”

De qualquer forma, o propósito deste pequeno artigo ou comentário é lembrar que na realidade todas as parábolas são uma única parábola, geometricamente falando. Podemos falar das parábolas que as fontes formam quando atiram o seu tesouro líquido para o ar, ou aquele que atravessa uma bola de canhão da boca do mesmo até chegar ao chão ou ao seu alvo, ou ao centro de gravidade das sementes lançadas no ar na sementeira, ou nas superfícies geradas por eles (parabólica), e que permitem que os raios de luz vindos do infinito, ou quase, isto é, paralelos, convirjam a dada altura, como acontece com a lente de um telescópio de reflexão, ou aqueles que ouvem, em radiotelescópios, eventos esmagadores noutros lugares do cosmos, mesmo além da nossa galáxia... etc., etc.

Mas a parábola, como entidade matemática é sempre a mesma, não há duas parábolas, mas uma parábola maior ou menor, vista de perto ou mais longe, centrada num ponto ou noutro (com pontos diferentes como a origem dos eixos de coordenadas), giradas ou não, etc., mas sempre as mesmas.

E isto não é tão óbvio.

Um círculo é sempre o mesmo, para além da ilusão de tamanho (ilusão porque é suficiente para mudar a escala em que é medido). Um quadrado também. E qualquer polígono regular inscrito no círculo o mesmo. Um triângulo, no entanto, não, porque é definido pelos ângulos, e desta forma, há infinitos, que os agrupamos em rectos (um ângulo de 90 graus), escalenos (três lados de tamanho diferente), isósceles (dois lados e ângulos iguais) e equilátero (três lados e ângulos iguais). As elipses também são infinitas, pois infinitas são os ângulos (do perpendicular ao eixo do cone que dá origem, e que forma a circunferência, ao paralelo à sua geratriz) com o qual um cone pode ser cortado e podem ser infinitos os diferentes tipos de cones (determinados pelo ângulo entre o seu eixo e a sua geratriz). Também as hipérboles são infinitas, todos os ângulos desde o corte do plano paralelo ao eixo ao paralelo à geratriz (sem incluir). E, no entanto, a parábola é única, quando o plano corta paralelamente à geratriz.

Bem, podemos dizer que se cada cone gera um tipo diferente de parábola, embora o plano corte sempre paralelo à geratriz, diferentes cones dariam origem a diferentes parábolas. Parábolas mais abertas ou mais fechadas, como vemos todos os dias, porque a curva de atirar algo para cima, em linha reta, vertical ou quase, aparentemente não é o mesmo que atirar para a frente. No entanto, geometricamente ou matematicamente,

todas estas curvas são uma visão aumentada ou diminuída, muda a escala, mas não a curva.

Vejamos isto matematicamente, como demonstra o grande Michael Penn, indicando neste vídeo que ele explica o que esta “constante universal parabólica” consiste matematicamente, da mesma forma que Pi é a relação constante entre a circunferência e o diâmetro.

https://www.youtube.com/watch?v=tw6l-YuHqAl&ab_channel=MichaelPenn

E podemos visualizá-lo claramente aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=T0Yn5xDMjIA&ab_channel=MichaelPenn

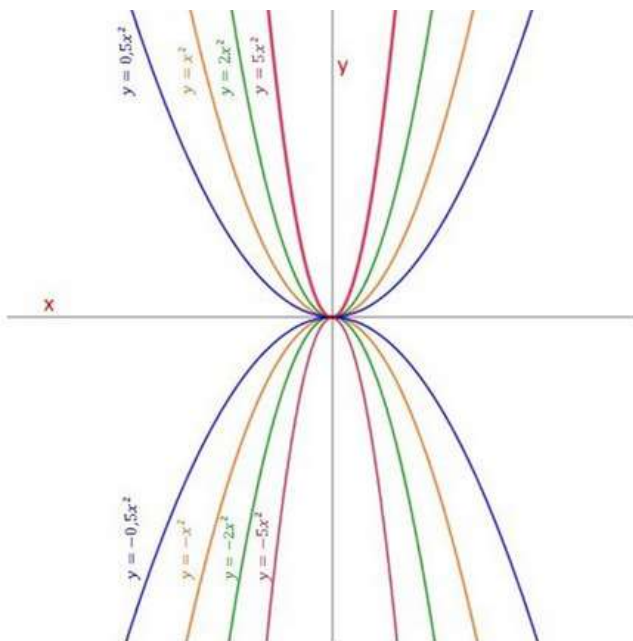
Pois embora a equação geral de uma parábola é

$$Ax^2 + Bxy + Cy^2 + Dx + Ey = F$$

Representada nos eixos cartesianos x e y, esta equação inclui parábolas horizontais, verticais ou oblíquas e com o vértice em qualquer ponto.

Mas a fórmula base é, na verdade,

$$f(x) = Ax^2$$



Onde a constante A é o que determina que a parábola é mais aberta ou fechada, mas que na verdade é um fator de escala simples, que em nada muda a natureza da que é, como um círculo ou um quadrado pode ser mais ou menos grande. Na medida em que fazemos uma aproximação à escala em direção ao vértice da parábola abre-se e se nos afastarmos, fecha-se. Se nos afastarmos infinitamente, seria uma linha reta vertical, se nos aproximarmos infinitamente, convergirá numa linha horizontal dupla. Mas as propriedades geométricas não mudam e, em particular, a excentricidade é constante e igual à unidade, enquanto variam na elipse e na hipérbole.

Secção cónica	Equação cartesiana	Excentricidade (ϵ)	Equação polar
Circunferência	$x^2 + y^2 = a^2$	0	$\rho = a$
Elipse	$\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$	$0 < \sqrt{1 - \frac{b^2}{a^2}} < 1$	$\rho = \frac{a}{1 + \cos \theta \sqrt{1 - \frac{b^2}{a^2}}}$
Parábola	$y = ax^2 + b$	1	$\rho = \frac{a}{1 + \cos \theta}$
Hipérbole	$\frac{x^2}{a^2} - \frac{y^2}{b^2} = 1$	$0 < \sqrt{1 - \frac{b^2}{a^2}}$	$\rho = \frac{a}{1 + \cos \theta \sqrt{1 - \frac{b^2}{a^2}}}$

A alegoria filosófica que representa é de grande beleza, porque tal como qualquer existência que começa e termina no mesmo ponto pode estar associada a uma circunferência e poderíamos falar de círculos concêntricos infinitos todos com o mesmo Eu-Centro, por exemplo, o mesmo Eu de todo o Universo, e cada um deles tendo uma relação dialética com este eu; A parábola também pode evocar a ideia de tudo o que do infinito se aproxima da sua realidade-limite, de onde deve regressar ao infinito que partiu. A diferença aqui é que todas estas parábolas não é que tenham o mesmo centro, mas o mesmo vértice, convergem a certa altura. Pode haver um infinito de existências convergindo num ponto em que, de certa forma, são encarnadas, cristalizadas. No entanto, todas estas existências são semelhantes, seguem a mesma lei, e para além dos espelhos ilusórios desta existência seria a mesma, pois na realidade só pode haver uma Existência, a que os filósofos hindus chamavam SAT.

GÉNESE DA UNIDADE

– 1ª PARTE

Por Arturo Soria y Mata



Foto por Luís Eusébio em Unsplash. Licença: Unsplash license

Vejamos agora como, dentro de qualquer categoria de quantidade, surge do nada a unidade, da qual originam todos os números possíveis, até ao infinito.

A combinação de qualquer zero consigo mesmo, ou, por outras palavras, da unidade infinita e o zero da categoria de quantidade anterior consigo mesmo, pode ser efectuada de infinitos modos, seja no amplo espaço ou no espaço metafísico, e cada uma destas formas tem outra exactamente igual colocada simetricamente.

Para além destas duplas de combinações infinitas, existe uma combinação muito especial, que não tem outra combinação igual e oposto simétrico, que não tem duplo, que é única, que é a unidade, que é um *uno* pitagórico e que é a perfeição absoluta dentro do tipo de combinações de que vamos tratar.

Exemplos — O zero da extensão, o ponto inextenso na posição *A* combinando consigo mesmo na posição *B*, origina a relação entre as posições *A* e *B* numa infinidade

de formas, porque infinitos caminhos ou linhas podem prosseguir para iniciar o movimento em **A** e concluir o movimento em **B**. Podemos caminhar ao longo de um polígono de dois lados, de três, de quatro, de inúmeros lados iguais ou desiguais. Podemos seguir um arco de uma circunferência, de uma elipse, de uma hipérbole, de uma parábola. Podemos seguir inúmeras linhas curvas regulares ou irregulares. **A** cada uma destas linhas ou caminhos, para ir de **A** a **B**, corresponde outra figura geométrica exactamente igual, e colocados simetricamente em relação aos pontos **A** e **B**, no plano em que supomos que estas figuras e os pontos **A** e **B** devem ser colocados, e em cada um dos infinitos planos que passam pelos pontos **A** e **B**.

Em cada um dos planos infinitos e em cada uma das superfícies infinitas que passam pelos pontos **A** e **B**, haverá sempre linhas infinitas duplas e simétricas para relacionar os pontos inextensos **A** e **B**. Mas, ao mesmo tempo, e no meio desta dualidade infinita, existe uma relação muito especial, *única*, que por não ter duplo possível, é a mais perfeita de todas as relações possíveis: a linha recta. Esta representação única, é a unidade. A linha recta é a unidade da *quantidade linha*; é a perfeição absoluta dentro da *quantidade linha*.

Ao definir a linha recta pela curta, detemo-nos no detalhe e deixamos a essência, porque o essencial na linha recta é ser uma combinação única, o ser da *unidade*. O ser mais diminuto obedece ao princípio da menor acção, que é uma consequência ou atributo da unidade.

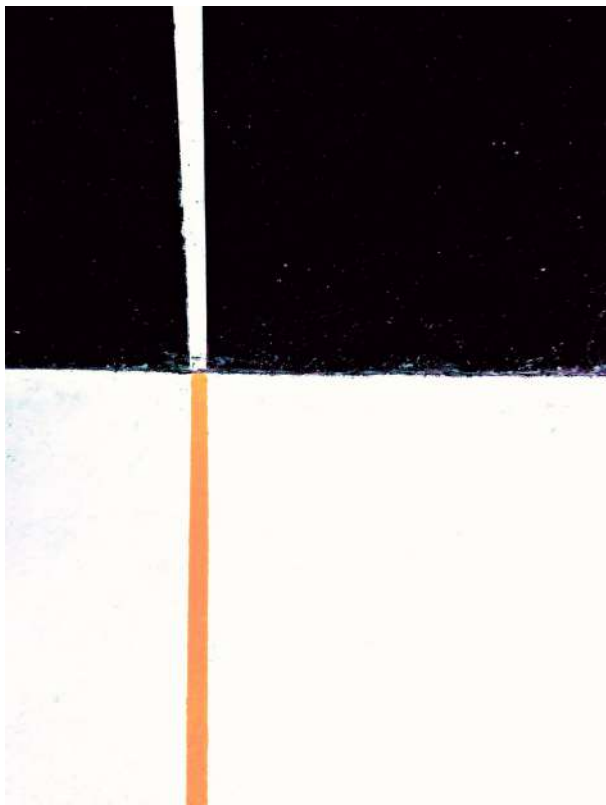


Foto por Jon Tyson. Licença: Unsplash license

Esta verdade da geometria elementar ou mais simples, também é verdadeira na geometria mais complexa ou geometria de categoria de regularidade mais elevada, e, em geral, em todas as categorias possíveis da geometria.

Em vez de considerarmos um ponto matemático inextenso movendo-se de uma posição diferente para a outra no tempo e no espaço, consideremos um ponto mais complexo, o homem movendo-se de um instante da sua vida para um instante posterior.

Esse movimento, ou seja, a conduta física, intelectual ou moral que o homem segue, pode-se realizar de infinitos modos, entregues à sua livre escolha, e que são todos duplos e simétricos. Só há um que não tem duplo, a recta metafísica do bem, que é única, que é perfeita e bela, porque a perfeição, a regularidade, a simetria, o equilíbrio e a beleza são vários aspectos e atributos da unidade, da combinação *única*.

Ao falar, podemos fazê-lo em voz muito alta ou muito baixa. Há apenas um modo *único* de falar: nem muito alto nem muito suave, que é o que elege aquele que tem a arte da palavra.

Ao caminhar podemos fazê-lo de forma presunçosa e afectada ou arrastando os pés e com movimentos desajeitados. Só existe uma forma única de andar: aquela que, por exemplo, elegido por uma mulher discreta, graciosa e elegante, em todos os momentos.

Ao nos defendermos de uma agressão, podemos fugir covardemente ou dar a morte cruel e imediata ao nosso agressor. Só existe uma forma única, perfeita e bela, e portanto, certa: a de rejeitar o ataque, causando o menor dano possível ao nosso agressor.

Agir bem é escolher em cada momento da nossa vida o acto físico, intelectual ou moral que é mais perfeito e que, portanto, é o mais adequado, em relação a todos os outros, naquele momento. Ao executar o dito acto, escolhendo entre as infinitas formas duplas de realizar o *único* que não tem duplo, nele encontraremos a simetria, o equilíbrio, a beleza, o bem, a perfeição absoluta dentro das circunstâncias relativas ou condicionantes da combinação.

Em suma: o bem é uma linha recta metafísica traçada entre dois instantes da nossa vida. Uma linha recta de geometria transcendental, na qual a perfeição absoluta da divindade pode comparar-se a um espaço metafísico inextenso com uma esfera metafísica, lugar de todas as infinitas combinações possíveis com a recta do *bem*.

Movamos uma linha recta poligonal ou curva, de todas as maneiras possíveis. Da combinação de cada linha consigo mesma, resultam superfícies infinitas, todas duplas, porque a cada linha corresponde necessariamente outra superfície simétrica ou conjugada.

Dentro da infinita dualidade das superfícies duplas originadas pelo movimento das linhas curvas e poligonais, existem combinações únicas sem duplo, que são superfícies regulares, limites de todas as superfícies irregulares possíveis. Dentro da infinita dualidade das superfícies reguladas há apenas uma superfície, **única: a superfície plana**.

O plano é a unidade da quantidade superfície, a perfeição absoluta dentro desta categoria de quantidade, e resulta do movimento de uma linha em redor de outra, em que ambas permanecem constantemente em posição perpendicular, **em cruz**, na forma de **uno** pitagórico.

Movamos dois planos ou, que é a igual, combinemos um plano consigo mesmo. Resultam infinitas posições duplas e apenas uma sem par; aquela em que se cortam perpendicularmente, em cruz!

O movimento de três planos também oferece, entre infinitas combinações duplas, apenas uma sem duplo: aquela em que se cortam perpendicularmente dois a dois, também **em cruz**!

A combinação de quatro planos gera o tetraedro, a forma elementar do volume. A cada posição dos quatro vértices corresponde outra simétrica.

Entre os infinitos duplos de tetraedros possíveis, há apenas um tetraedro que não tem duplo, o tetraedro regular, que é a unidade da quantidade volume, a perfeição absoluta dos volumes.

Segundo o critério pitagórico, cada unidade deriva da combinação harmoniosa, perfeita ou regular de outra unidade consecutiva ou mais simples, consigo mesma. Portanto, todas as unidades consecutivas, todas as formas da Natureza, serão combinações regulares do tetraedro regular.

Combinando dois tetraedros regulares iguais, observamos que entre a infinidade de posições duplas possíveis existe uma sem duplo. É aquela em que, coincidindo com seus centros, as arestas se cruzam perpendicularmente. Esta nova unidade é o beta tetraedro regular, cujos vértices externos geram o cubo e cujos vértices internos geram o octaedro.

Combinando um cubo com um octaedro de tamanho adequado, de modo que os respectivos centros coincidam e as suas arestas se cruzem perpendicularmente no ponto médio, **numa cruz**, convertem-se as arestas do cubo e do octaedro em diagonais de um losango, do mesmo modo que as arestas do tetraedro se convertem em diagonais das faces do cubo, surgindo uma nova espécie de formas superiores, uma nova unidade. o dodecaedro rômbico regular.

Combinando cinco tetraedros regulares, de modo que seus centros coincidam e seus vértices estejam o mais

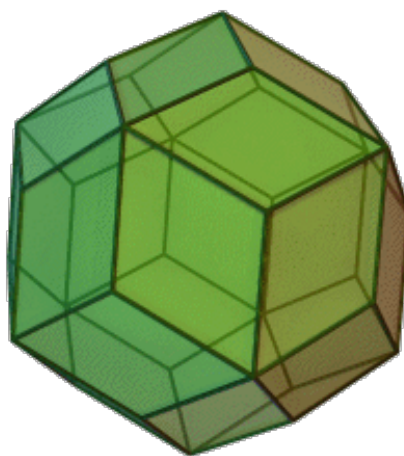
distantes possível, resultam duas figuras simétricas: o pentatetraedro "*dextrorsun*" do lado direito e o pentatetraedro "*sinistrorsum*" lado esquerdo. Em ambos os vértices externos originam o dodecaedro. e os vértices interiores do icosaedro.

Combinando essas duas figuras opostas e simétricas, de modo que os seus centros e seus vértices coincidam, e as arestas de uma cortem perpendicularmente as da outra, **numa cruz**, resulta uma combinação única ou sem dualidade, de dez tetraedros regulares iguais, a década pitagórica, que eu denominei, ao descobri-la, pentatetraedro duplo, unidade superior na hierarquia das formas, que precede à unidade tetraedro ou **tétrada**.

O tetraedro é o número quatro, em relação à unidade do átomo, e o número um ou unidade em relação à década. Daí a excepcional importância que os pitagóricos davam aos números 1, 4 e 10.

Combinando um dodecaedro com um icosaedro de tamanho adequado, de modo que quando os seus centros coincidam, as suas arestas se cruzem, **em cruz**, nos seus pontos médios, surge uma espécie superior de formas, um poliedro de 30 faces rômbicas que me permito batizar com o nome grego que indicou o meu saudoso amigo.

D. Eduardo Benot: o **triacontaedro**. Ofereci ao Ateneu de Madrid o primeiro **triacontaedro** romboico regular inventado e composto por mim. A lei das diagonais, talvez desconhecida dos antigos, é uma lei muito importante na gênese das formas, pois representa a união entre a geometria e a mecânica.



Triacentaedro rômbico. Creative commons

A lei da cruz, que é a própria essência da unidade, era indubitavelmente conhecida dos antigos, e sendo a figura geométrica da cruz, um símbolo abreviado da gênese das formas, é possível que tenha servido como um sinal

para se reconhecer os iniciados nos segredos elevados da religião, da ciência e da política, quando estes eram herança secreta de muito poucos. Da mesma forma que a *pentalfa* (pentágono, estrela regular, figura abreviado da face do penta hexaedro, outra década pitagórica descoberta por mim, composta por 5 cubos e, portanto, por 10 tetraedros), servia para se reconhecer os iniciados às doutrinas secretas do pitagorismo.

Supomos que, a ideia e a importância da cruz nas diferentes religiões, tenham como base geométrica o cruzamento de planos e linhas na posição única de perpendicularidade, como símbolo da perfeição absoluta da unidade e da divindade.

Em virtude de uma indução muito legítima, os pitagóricos supunham que todas as outras formas da Natureza eram combinações da *década*, e por isso diziam sem dúvida que cada número era *decádico*.

Eu também assim creio, mas dando mais abrangência à combinação dos sete sólidos regulares convexos, de faces iguais, igualmente inclinadas entre si: tetraedro, cubo, octaedro, dodecaedro, icosaedro, dodecaedro rômbo e triacontaedro rômbo, consigo mesmos e entre si, ou seja, não limitando as combinações exclusivamente à *década*.

A linha (reta ou não recta) também é o infinito da *quantidade ponto*, e também o zero da *quantidade superfície*.

Esta trindade de formas, em virtude da qual qualquer forma é simultaneamente *zero* de uma categoria de quantidade, *infinito* de outra categoria de quantidade e *unidade* distinta das anteriores, contém a chave para ler em profundidade no grande livro do mundo invisível e do mundo visível.

Genericamente podemos definir a unidade como: A unidade de uma classe de quantidade é, entre as infinitas combinações duplas possíveis do respectivo zero consigo mesmo, a única que não é dupla e, por isso, a *combinação mais perfeita* de todas, a única completamente regular, equilibrada, bela e boa.

Referir-se à unidade é o mesmo que referir-se à regularidade, simetria, perfeição, beleza, bem e linha recta de uma determinada categoria de geometria, combinação *única* dentro de um determinado tipo de combinações. São todos termos equivalentes, para nos referirmos a uma única coisa que vislumbramos confusamente, e que podemos expressar com relativa clareza, enunciando: a combinação de dois ou mais infinitos de uma determinada categoria ou a combinação de dois ou mais zeros, uma vez que já dissemos que a infinito de uma quantidade é o zero da quantidade consecutiva, pode ser efetuada em infinitos modos duplos de sexualidade oposta, em duplos ou em sizígias, opostos e contrários. Há apenas um modo *único* de

combinação em que não há duplo, em que se uniu e misturou termos opostos e contrários, em que as duas sexualidades de todas as formas se misturam para formar a espécie.

A unidade é aquela combinação de infinitos que serve de fronteira, que une e limita ao mesmo tempo a dualidade das infinitas combinações possíveis.

A unidade é a perfeição absoluta dentro de cada categoria de quantidade, o zero dela mesma em movimento da única forma perfeita possível.

Entre as combinações duplas há dois tipos de dualidade: uma de imperfeição ou relativa irregularidade, e dentro desta imperfeição relativa há uma combinação que é completamente regular, perfeita e única dentro do grau de imperfeição que observarmos.

Exemplos. — A linha recta, como vimos, é a perfeição absoluta que liga dois pontos: A e B.

Se os juntarmos recorrendo a um polígono de dois lados, ou seja, por duas rectas que passam por um terceiro ponto C, a solução mais perfeita de todas (dentro da imperfeição relativa assumida) é a de um triângulo equilátero, limite de uma infinidade de triângulos isósceles internos ao triângulo A, B, C, e outra infinidade de triângulos isósceles externos ao triângulo A, B, C.

Da mesma forma, cada triângulo isósceles é uma forma relativamente perfeita, a forma limite de uma infinidade de triângulos escalenos, irregulares, internos e de outra infinidade de triângulos irregulares externos.

Se ligarmos os pontos A e B por meio de um polígono de n lados, quando estes são iguais, o polígono é o mais perfeito possível. É um polígono limite de uma infinidade de polígonos irregulares internos e de outra infinidade de polígonos irregulares externos.

Se as juntarmos por meio de curvas, as secções cónicas são formas relativamente perfeitas, limites de uma infinidade de curvas internas menos perfeitas e outra infinidade de curvas externas menos perfeitas.

De tal forma a que, entre as infinitas formas de ligar dois pontos, A e B, ou seja, de combinar um ponto consigo mesmo, há apenas uma que é a perfeição absoluta, e entre as outras infinitas formas imperfeitas há uma série de arquétipos de perfeição relativa, cada um dos quais é uma unidade de perfeição absoluta, como limite que é, das formas menos regulares incluídas no grau de perfeição imediatamente abaixo. Significa que, entre a perfeição absoluta e a imperfeição absoluta, ou seja, entre o infinito da perfeição e o zero da perfeição, há uma série ordenada de perfeições relativas, de *unos* pitagóricos, de números, de arquétipos de perfeição que servem como limites de todas as formas imperfeitas

possíveis. Os pessimistas vêem apenas estas últimas, não vêem a unidade.

A definição de unidade, já mencionada, é também um guia muito seguro para percorrer o labirinto das infinitas categorias de quantidade que o mundo nos oferece e distingui-las umas das outras, averiguando qual é a unidade de cada uma, o *uno* pitagórico que expressa a máxima perfeição em cada categoria de formas.

Suponhamos, por exemplo, que queremos descobrir que novas categorias de quantidades originam a combinação da linha recta consigo mesma e quais são as respectivas unidades.

Para isso, basta examinar quais são as combinações possíveis e escolher, em cada categoria de combinações, a mais regular e equilibrada, a única que não tem dualidade, a mais perfeita, e que será a unidade.

Uma linha A_____B de comprimento dado, combina consigo mesma num plano, ou, o que é o mesmo, em duas posições diferentes dessa linha, formando uma infinidade de quadriláteros, de combinações de quatro pontos.

Pois bem, o losango de lados iguais é uma forma limite de todos os quadriláteros irregulares possíveis. Dentro da única forma regular perfeita equilibrada do losango de lados iguais, há uma infinidade de losangos possíveis, cujo limite é o quadrado.

Além disso, se as duas posições da recta A_____B têm o ponto A em comum e o ponto B na sua nova posição, que se encontra à mesma distância tanto da primeira posição quanto do ponto A, resulta o triângulo equilátero, como um caso particular do losango e do quadrado, e como forma limite das combinações possíveis num plano de duas rectas iguais, ou de uma recta consigo mesma, e como forma limite dos triângulos escalenos.

Se colocarmos as rectas de modo que não fiquem no mesmo plano, há infinitos duplos de tetraedros irregulares interiores e exteriores e um único tetraedro sem duplo: o tetraedro regular, aquele em que as duas rectas se cruzam, embora sem tocar.

Ou seja, a combinação de uma linha recta de dado comprimento consigo mesma, gerou quatro novas categorias de quantidade, cujas respectivas unidades são o triângulo equilátero, o losango de lados iguais, o quadrado e, por último, o tetraedro regular.

Em resumo: entre as infinitas combinações possíveis de duas rectas, ou seja, do zero da extensão da superfície consigo mesma, há uma que é a perfeição absoluta, a unidade por excelência dessa categoria de quantidade, e há outros *unos*, outras unidades de perfeição relativa, o triângulo equilátero, o losango e o quadrado que são esboços ou formas embrionárias do tetraedro regular, que potencialmente contém o tetraedro regular.

Na resolução, tudo o que examinamos é simultaneamente zero, infinito e unidade. É uma forma trina, algo como uma hipóstase de três categorias de quantidade diferentes, intimamente unidas pelo vínculo muito forte da lei combinatória.

Portanto, é indiferente considerar a série indefinida de categorias de quantidade, a série de rectas horizontais da tábua pitagórica como uma série de zeros ou como uma série de infinitos, ou como uma série de *unos* à maneira pitagórica, ou como a repetição constante, numa infinita variedade de tons, das três notas fundamentais de todas as coisas possíveis: zero, unidade e infinito.

Todas as coisas que a Natureza nos mostra e todas as ideias que consideramos dentro do espaço metafísico inextenso, são *unos* pitagóricos, são perfeições absolutas e relativas, são unidades, porque a unidade é demarcação fatal e necessária da lei combinatória, como resultado de uma espécie de selecção darwiniana, que se realiza tanto na Natureza como no mundo anterior das ideias.

Claro que, se é difícil especificar a transição de uma espécie para outra em substâncias químicas, vegetais ou animais, é muito mais difícil ainda se tentarmos estabelecer a evolução de uma espécie metafísica para outra. Mas esta evolução é certa, inquestionável, e pode ser comprovado em muitos casos que nas transformações de espécies metafísicas acontece a mesma coisa que com as espécies materiais, nomeadamente, que a combinação regular de uma espécie com ela própria concebe outras espécies superiores.

Esta é, na nossa opinião, o colossal mérito de Pitágoras, em ter visto e esclarecido o processo evolutivo e transformador, tanto no mundo visível como no invisível, do qual resulta que Darwin, o Deus ou demiurgo da ciência moderna, nada mais é do que uma cópia má e mal desenhada de Pitágoras, sem que por isto pretendamos negar os seus méritos extraordinários e indiscutíveis.

GÉNESE DA UNIDADE

– 2ª PARTE

Por Arturo Soria y Mata

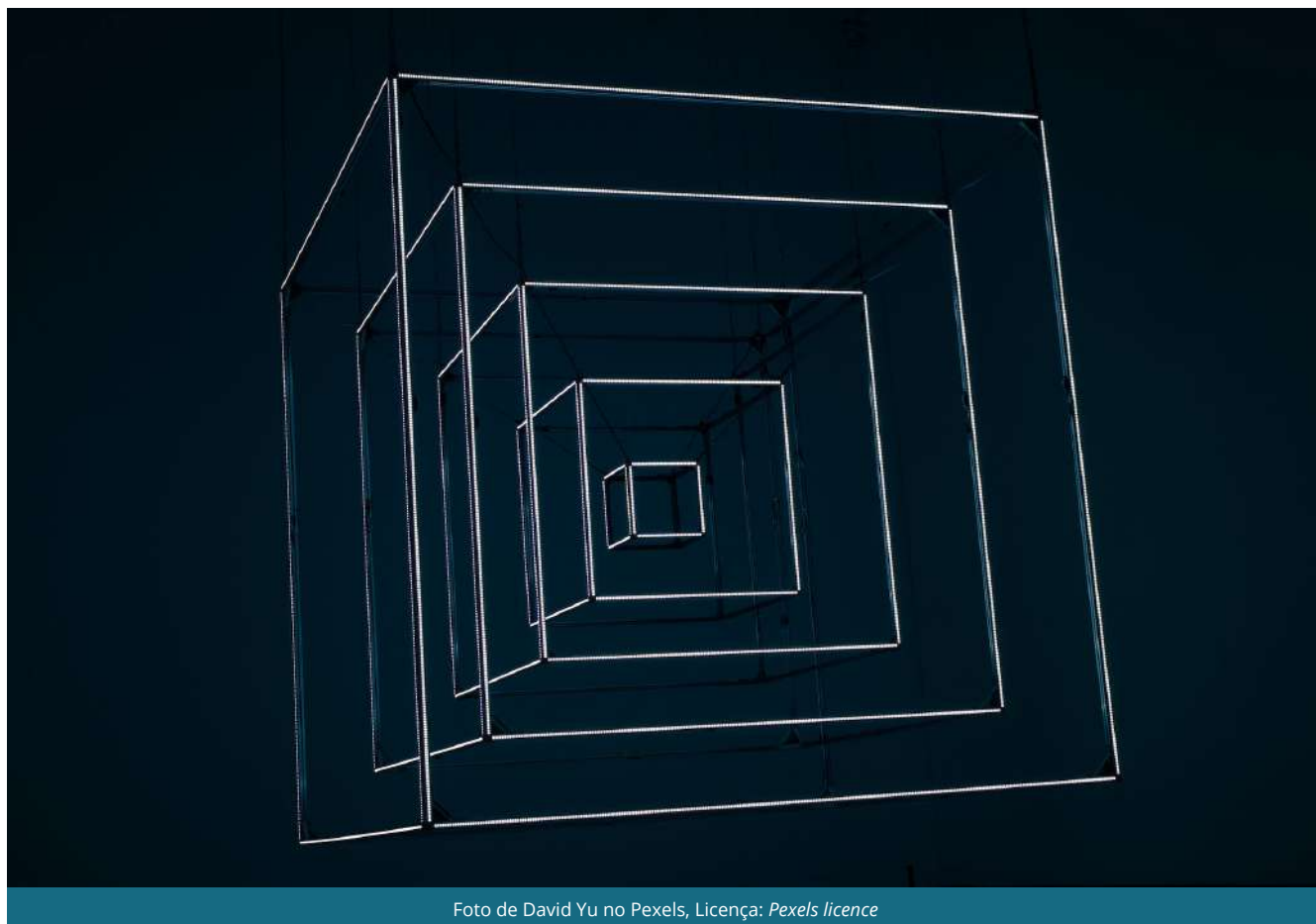


Foto de David Yu no Pexels, Licença: Pexels licence

A direção equivocada seguida no seu raciocínio por filósofos, matemáticos e artistas depois de Pitágoras consiste justamente no facto de ignorarem ou subestimarem a evolução das espécies metafísicas. Tal aberração domina hoje as mentes a tal ponto que estamos certos de que a maioria dos matemáticos contemporâneos se rirá quando disser que a ideia do triângulo equilátero é uma espécie metafísica anterior à ideia do quadrado e do pentágono regular, ou o que quer que seja o mesmo, que o pentágono e o quadrado são derivados e engendrados pelo triângulo, ou que a espécie metafísica dodecaedro é posterior à espécie metafísica cubo, e este por sua vez posterior à espécie metafísica tetraedro. Entenda-se bem que quando dizemos 'depois' queremos dizer como sinónimo de efeito, de uma quantidade mais perfeita que a quantidade ou causa

anterior, não como uma coisa dependente do tempo. E, no entanto, nada mais verdadeiro e óbvio.

Vamos combinar dois tetraedros regulares iguais da única maneira perfeita possível, isto é, coincidindo os seus centros de figuras; Dentro das infinitas posições possíveis, dada a coincidência dos centros, escolhamos a única posição perfeita, aquela em que as arestas dos tetraedros se cruzam perpendicularmente, ou seja, da única maneira que não admite uma figura simétrica ou mesmo; O beta tetraedro resulta da combinação contida ou limitada pelo cubo externamente e pelo octaedro internamente.

Antes da combinação havia o tetraedro; após a combinação o cubo existe. E como não há como combinar o cubo consigo mesmo de tal forma que o

tetraedro apareça, deduzimos que a ideia metafísica ou espécie tetraedro é anterior à espécie cubo, ou o resulta de igual maneira, que o tetraedro é a causa e o cubo o seu efeito.

Da mesma forma deduzimos que antes da combinação havia faces triangulares e depois dela aparecerem faces quadrangulares, o quadrado fica depois do triângulo; o triângulo metafísico da espécie é anterior, e a causa, e o quadrado metafísico da espécie é posterior, é efeito.

Vamos combinar cinco cubos iguais da única maneira regular possível, combinando os seus centros; é o penta hexaedro contido e limitado pelo dodecaedro externamente e pelo icosaedro internamente.

Como não há combinação de dodecaedros da qual resulte o cubo, deduzimos que o cubo da espécie metafísica é anterior à espécie metafísica ou ideia do dodecaedro. e como antes da combinação havia faces guias quadradas, e após a combinação de pentágonos regulares, deduzimos que a ideia do pentágono é derivada da ideia do quadrado.

Ou seja, o tetraedro regular é uma forma-mãe que contém potencialmente as espécies metafísicas filhas, o cubo e o dodecaedro; e a espécie metafísica triangular engendra as espécies quadrada e pentagonal. Note-se que na evolução das espécies mecânicas, a transição de uma espécie menos complexa para uma mais complexa só é possível, desde que tanto as espécies geradoras como as espécies engendradas sejam unidades, algumas pitagóricas, combinações únicas, perfeições absolutas.

De tudo isso deduziu Pitágoras, sem dúvida, que a evolução na Natureza é cópia fiel e consequência, é a evolução prévia das espécies metafísicas independentes do tempo e do espaço, hipostaticamente sintetizadas no *Primeiro uno*.

Temos então todas as combinações regulares possíveis, com os cinco sólidos platônicos, ou seja, os corpos simples, as espécies químicas, os minerais, vegetais, animais e homens são combinações únicas ou sem paralelo, *unos* pitagóricos, ou, perfeições absolutas; figuras regulares simétricas e equilibradas, coisas belas.

Chegamos ao átomo mais complexo de todos, à forma mais perfeita: o homem.

Para encontrar novas unidades mais perfeitas, sigamos o mesmo procedimento, e combinando o homem consigo mesmo, observaremos que os interesses materiais, intelectuais e morais oferecem ao nosso exame uma infinita dualidade de combinações, e no meio delas e como síntese de todos eles, uma combinação sem par, uma combinação única, justiça e o direito.

A missão do juiz e do legislador coincidem com a do artista, já que todas se reduzem a buscar a unidade, a mais perfeita e bela *única* combinação.

A unidade não é regularidade, perfeição e beleza, é também a justiça e o direito.

Na classe mais alta de quantidade que podemos chamar de vontade, acontece a mesma coisa. Entre as infinitas combinações duplas que podemos desejar a qualquer momento nas nossas vidas, existe uma, apenas uma, sem par, a única perfeita: o bem.

A unidade é o bem

O belo, o bom e o verdadeiro são diferentes aspectos da unidade que devem ser considerados hipostaticamente.

Em última análise, a divindade é a expressão mais elevada, mais completa e perfeita do universo.

Para a razão não há demonstração mais clara e conclusiva da existência de Deus do que a pitagórica, porque não há definição mais profunda, mais bela e mais exata do que a de

O Primeiro Uno

isto é, a origem e fundamento de todas as quantidades possíveis, a integral de todas as integrais, o conjunto indivisível de todas as perfeições possíveis.

Nas suas obras, o homem sempre procura instintivamente a unidade e acaba por alcançá-la.

Há exemplos inumeráveis.

A balança é um símbolo perfeito, claro e simples da unidade pitagórica, da infinita dualidade de combinações possíveis e da trindade de todas as formas.

Na posição em que o prato *A* sobe 15 milímetros e o prato *B* desce a mesma distância, corresponde a outra posição par, simétrica ou conjugada em que o prato *A* desce 15 milímetros e o prato *B* sobe outro tanto.

Cada posição dos pratos é reversível, cuja posição tem o seu par. Há apenas uma posição sem par, única, irreversível, aquela em que a trave de equilíbrio é vertical. A unidade é o equilíbrio.

Quem quer que fosse o primeiro a equiparar a balança à justiça foi, sem dúvida, um pitagórico, um talento orientado ao norte dos ensinamentos pitagóricos.

Cada tribunal, cada juiz não faz mais do que pesar os prós e os contras, isto é, examinar uma das infinitas duplas combinações que todas as coisas oferecem, passar dessa dupla combinação, portanto irregular ou imperfeita, para outra menos imperfeita, depois para outra ainda menos imperfeita, fazendo diferentes tentativas dessa forma, até que finalmente chega à combinação única em que as posições contrárias são equilibradas.

Definitivamente, o juiz nada mais faz do que a operação geométrica e matemática de buscar a unidade, porque a unidade é justiça.

Uma regra justa é uma forma trina composta pelos pratos da balança e sua síntese representada pelo fiél em posição vertical; é a bela e luminosa unidade do bem surgindo na mente do juiz, do escuro caos das duplas imperfeições da acusação e da defesa.

A doutrina pitagórica proporciona-nos o critério infalível para julgar as criações humanas da arte. Todo o trabalho artístico de qualquer tipo é uma combinação de ideias, é um certo tipo de quantidade, pois quantidades são ideias em movimento; e como, antes da crítica pitagórica, unidade, perfeição, bondade e beleza se confundem, são a mesma coisa, ou melhor, são coisas diferentes, que por serem inseparáveis devemos considerar simultânea e hipostaticamente, a nossa regra crítica infalível é esta: Tal coisa, tal obra artística é, dentro das infinitas combinações duplas e simétricas de um certo número de cores, de formas, sons, signos, palavras ou ideias, que o artista pôde escolher, a combinação única, aquela que não tem par? É um único pitagórico? Bem, é uma coisa perfeita, boa e bela, é uma obra de arte, e o homem que a executa no momento em que o faz é um homem perfeito, é um homem bom, é um artista.

Assim asseguramos, sem receio, que os *unos* elementais pitagóricos, a linha reta, os polígonos regulares e as suas combinações, o círculo, a esfera, os poliedros regulares e suas infinitas combinações possíveis, que constituem a Natureza, são todas coisas belas, porque são perfeições absolutas, porque são combinações únicas, porque são únicos pitagóricos. São o substrato indispensável para toda a criação artística, são o patrimônio comum de todos os artistas, a terra em que caminham, de que se alimentam e cuja substância eterna transformam em coisas ainda mais belas, da mesma forma que as plantas transformam a lama em flores perfumadas e pintadas e em frutas requintadas.

A arte é a mais alta classe da geometria, a construção mais complicada, o conjunto de quantidades cada vez mais complexas que o homem cria, tirando do nada, do seio mais fértil e inesgotável da Lei combinatória.

O verdadeiro crítico é o geômetra que constrói sucessiva e logicamente toda a série de unidades, até chegar àquela que é objeto de seu exame, com toda a facilidade e rapidez do seu talento.

O artista, o artista supremo, é aquele que verifica instantaneamente, por intuição, essa série de construções, essa cadeia de silogismos que o geômetra crítico faz lenta mas seguramente; o artista supremo é aquele que, à luz desses lampejos de intuição, vê uma quantidade superior, desconhecida dos outros homens, e no meio da infinita dualidade das combinações possíveis, descobre a combinação inigualável, a combinação única,

o que não admite a menor alteração porque é unidade, ou seja, uma perfeição absoluta, um equilíbrio estável, uma espécie de simetria. uma beleza eterna.

Aplicando a nossa teoria e o procedimento pitagórico a quantidades não estendidas, encontramos o caminho mais seguro que a metafísica já teve.

Exemplo – A vontade, a liberdade e o bem são três termos zero, infinito e unidade da quantidade *bem*.

A vontade em poder, em repouso, é zero desse tipo de quantidade, a que chamamos *bom*. Ao mover-se, que pode ser feito de infinitas maneiras, todas duplas e simétricas, pois a cada um dos nossos atos corresponde outro oposto ou conjugado. O conjunto desses infinitos modos duplos de movimento da vontade é a liberdade, o livre-arbítrio.

No meio da dualidade infinita, há na vontade quantidade, como em todas, um modo único de movimento, sem par, que é reconciliação e síntese de todos os opostos. Este movimento único e, portanto, perfeito é o Bem.

Deduzimos, então, com o critério pitagórico: que a liberdade é a infinitude da quantidade vontade; que o bem é a unidade da vontade, e da liberdade, pitagórica, uma perfeição absoluta.

Todas as vontades tendem então, de maneira fatal e necessária. a realizar o Bem, e depois de infinitas oscilações para um lado e para o outro da reta metafísica do Bem, eles terminam coincidindo com ela, realizando a unidade, construindo a unidade, construindo a classe imediatamente superior de quantidade em evolução. ou hierarquia de quantidades.

Temos, então, na evolução das quantidades inextensas, três espécies metafísicas consecutivas, a espécie vontade e as seguintes espécies, a liberdade e o bem, ou seja, sem qualquer relação com o tempo, a vontade é a causa da liberdade, e o bem é o efeito da vontade e da liberdade.

Pelo mesmo procedimento podemos indagar quais são as espécies ou quantidades metafísicas anteriores à espécie vontade, e quais são posteriores ou derivadas da quantidade *bem*. A justiça e a lei são apenas formas parciais da quantidade *bem*.

Um tribunal, ao decidir um caso submetido ao seu exame. descartando sucessivamente todos os infinitos pares de soluções duplas ou simétricas, até encontrar ou achar que encontrou a única solução, aquela que não preenche o par, aquela que está no fiel da escala da justiça, a pitagórica, a unidade do tipo de grandeza submetida ao seu estudo.

O amor é uma quantidade superior à quantidade de vontade.

Nosso livre arbítrio, dentro da quantidade de amor, consiste na possibilidade de escolher para nosso amor

qualquer uma das infinitas combinações duplas e simétricas que podem ser feitas com um certo número de cores, sons, formas ou idéias. A beleza é a combinação única, aquela sem par, a linha reta metafísica do amor, a beleza é a unidade da quantidade no amor.

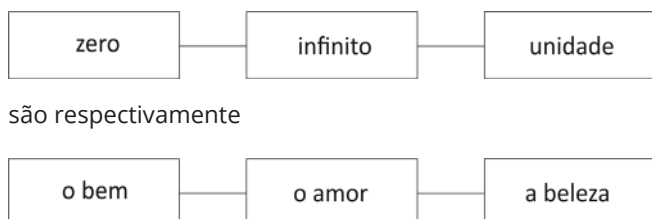
A beleza, a unidade de maior quantidade, deriva do bem e do amor, assim como o bem deriva da liberdade e da vontade; isto é, que um ser humano ou sobre-humano que pudesse elevar-se às alturas do bem, ou o que é o mesmo, que, pelas condições matemáticas e metafísicas de sua existência, é forçado a praticar constantemente o bem, encontraria um infinito número de maneiras duplas e simétricas de praticar o bem, e no meio dessa infinita dualidade de coisas boas, dessa infinidade que designamos com a palavra amor, encontraria uma combinação única e incomparável, que é a beleza, a linha recta metafísica do amor.

Na tabela pitagórica de quantidades não estendidas, há então, uma linha, cujos três termos



e seguindo a lei constante e geral do processo evolutivo, o bem é, por sua vez, o zero do próximo tipo de quantidade, na qual, como em todas, aparecerão coisas novas que não existiam antes, ou melhor, coisas que existiam potencialmente contidas e ocultas na unidade ou espécie anterior.

A terminologia da quantidade *bem*



O *bem* em repouso é o zero da quantidade-beleza.

O movimento ou exercício do *bem* pode ser feito de infinitas maneiras, duplas e simétricas. O conjunto de todos esses modos duplos num número infinito é o amor. O modo único de todos esses movimentos duplos, a unidade pitagórica do amor, é a *beleza*.

A beleza é a última classe de quantidade que o homem pode considerar, entendendo por homem, o homem-artista, pois suponhamos que o leitor estabeleceu esta escala:

- O animal.
- O homem-*pensamento*.
- O homem-*vontade*.

O homem-*bem*. Que procura sempre executar coisas boas.

O homem-*beleza*. O artista, o homem bom que procura executar sempre coisas belas. O artista é um semideus durante os breves momentos de sua inspiração. Um ser sobre-humano que pudesse ser um artista em estado de inspiração permanente, que fosse forçado pelas necessidades metafísicas e matemáticas da sua condição a executar constantemente coisas belas, encontraria diante de si uma infinidade de belezas, todas duplas e simétricas, e no meio dessa infinita dualidade da beleza, dessa espécie de infinidade correspondente e hierarquicamente superior à infinidade do livre-arbítrio humano e à infinidade do amor, combinação única e sem paralelo, divindade, unidade suprema, o PRIMEIRO UNO dos pitagóricos que se fecha e o círculo da evolução começa.

Os três termos da quantidade de *beleza*,



Resumo: as últimas linhas da tabela pitagórica podem ser expressas desta forma:

ZEROS	INFINITOS	UNIDADES
"	"	"
"	"	"
"	"	"
"	"	"
repouso	Não encontro nome para o conjunto de infinitas combinações de movimentos duplos e simétricos de repouso cuja unidade é o movimento, além da estática.	
movimento	as infinitas formas têm por movimentos as unidades,	a atração, o magnetismo, a eletricidade, o calor e a luz.
forças físicas, magnetismo, etc.	as suas combinações infinitas constituem o mundo fenomenal e têm por unidade,	o sensível
o sensível	as suas combinações infinitas têm por unidade,	o pensamento
o pensamento	as suas combinações infinitas têm por unidade,	a vontade
a vontade	o livre arbitrio	o bem
o bem	o amor	a beleza
a beleza	o universo	Deus

As primeiras linhas da tabela pitagórica, fechando o circuito das últimas, seriam estas:

ZEROS	INFINITOS	UNIDADES
Deus	O espaço metafísico, conjunto do racional hegeliano, dos números pitagóricos das ideias platônicas e dos arquétipos escolásticos.	o ponto matemático inextenso
o ponto	o espaço	a esfera
a esfera	o espaço em movimento	o átomo central
o átomo central	a nebulosa central formada pela produção incessante de átomos emanados do átomo central do universo.	o protoplasma emanado de 4 átomos vivos na forma de tetraedro regular
o tetraedro	as infinitas combinações possíveis do tetraedro nas nebulosas parciais se desintegraram da nebulosa central.	o cubo

Do cubo vêm todas as formas que estão potencialmente nele contidas e ocultas: primeiro o grupo de 7 cubos ou hidrogénio, depois o grupo de 8 hidrogénios ou oxigénio, o grupo de 6 hidrogénios ou carbono e o grupo de 14 hidrogénios ou nitrogénio. De seguida, todas as outras combinações poliédricas regulares, derivadas dessas quatro combinações elementares do cubo, ou seja, todas as formas inorgânicas e orgânicas até o homem.

Quem estudar a fundo a geometria do tetraedro regular admitirá sem dificuldade a certeza da minha teoria da evolução. Por algo que Pitágoras colocou no frontispício de sua escola: “Não entre aqui ninguém que não seja geômetra”.

Em última análise, a divindade é a unidade da beleza; beleza, a unidade do bem; o bem, a unidade da vontade; a vontade, a unidade de pensamento; pensamento, a unidade da sensibilidade; sensibilidade, a unidade das forças físicas, calor, luz, eletricidade e magnetismo; as forças físicas são unidades derivadas, em que não sabemos por que ordem de atração; atração é a unidade dos movimentos de expansão e condensação do átomo ao converter-se de um ponto não estendido em espaço ou esfera de raio continuamente crescente, e do espaço em ser reduzido ao tamanho zero do ponto matemático; o átomo é a unidade do ponto matemático em movimento.

O ponto inextenso é a fronteira que une e divide as duas porções simétricas do universo visível e do universo invisível ou inextenso; É como uma lente com duas convexidades diferentes, através da qual, olhando do mundo inextenso, vemos todas as formas da natureza, e olhando do lado oposto, vemos as figuras geométricas conjugadas das formas da natureza, as formas inextensas da natureza, os racionais, chamam-se de ideias platônicas, arquétipos escolásticos ou números pitagóricos.

Se representarmos o mundo inextenso contido no ponto matemático, como uma esfera (figura geométrica conjugada do Infinito espaço), o centro do ponto matemático, o centro do espaço metafísico, é o nada absoluto, é o zero comum de todas as quantidades que contém potencialmente a infinidade de todas as quantidades e perfeições possíveis, é o conteúdo hipostático de todas as perfeições do Ser.

Esse espaço metafísico, essa esfera (chamemos-lhe assim para torná-la acessível à nossa razão), cujo centro é o nada absoluto, e cuja superfície é o nada da extensão, o ponto matemático, é Deus, a união hipostática do primeiro zero, do primeiro infinito e da primeira unidade; numa palavra, “o primeiro”, o primeiro termo da evolução, do qual nascem sucessivamente a unidade da beleza, a unidade do bem e da vontade, e a do pensamento, e todas as unidades metafísicas ou arquétipos. que têm como expressão última o ponto matemático, do qual, ao mover-se, combinando tempo e espaço ou uma esfera de raio infinito e gerando essa força de combinação, emergem ou manifestam-se todas as formas que nela estão potencialmente contidas, todas as combinações possíveis do espaço consigo mesmo, o átomo, o tetraedro, o cubo, o dodecaedro e todas as sucessivas transformações poliédricas e mecânicas que constituem a natureza, que no nosso planeta termina no homem dotado de vontade evoluindo para o bem.

Noutros mundos de mais avançada evolução, mais perfeitos, mais distantes do ponto central do universo, trono e mansão da divindade, haverá espécies superiores à nossa espécie humana; humanidades compostas por homens que, pelas condições necessárias da sua existência, não possuem apenas o dom divino da vontade. mas que são obrigados a praticar constantemente o bem.

No nosso próprio planeta, os homens provavelmente estariam em melhor situação apenas aumentando a sua expectativa de vida; porque um homem que vivesse alguns milhões de anos poderia ser mais sábio e acabaria sendo mais bom.

E haverá outros mundos ainda mais felizes, em que os homens não são apenas santos e bons, mas por causa das necessidades matemáticas e metafísicas de sua condição, são obrigados a fazer nada mais do que coisas belas, coisas que, sem serem divinas, estão muito próximas da divindade.

Além desses mundos habitados por semideuses, por artistas e homens bons e sábios, haverá outros mundos impossíveis de representar na nossa imaginação, os graus infinitos entre a infinita beleza humana e a infinita beleza divina.

Em suma, o conceito de unidade é a raiz comum da ciência filosófica e da ciência matemática; a evolução é uma série matemática de *unos* pitagóricos, de unidades de diferentes classes, derivadas umas das outras pela lei combinatória, em virtude da qual as coisas novas potencialmente contidas nas unidades anteriores aparecem em cada unidade; O tetraedro regular, composto de quatro átomos vivos equidistantes, de quatro esferas tangentes que para fins de geometria supomos reduzidas aos seus centros, é o verdadeiro protoplasma. A primeira unidade de volumes; as combinações regulares do tetraedro regular são as unidades superiores que chamamos de minerais, plantas, animais e homens.

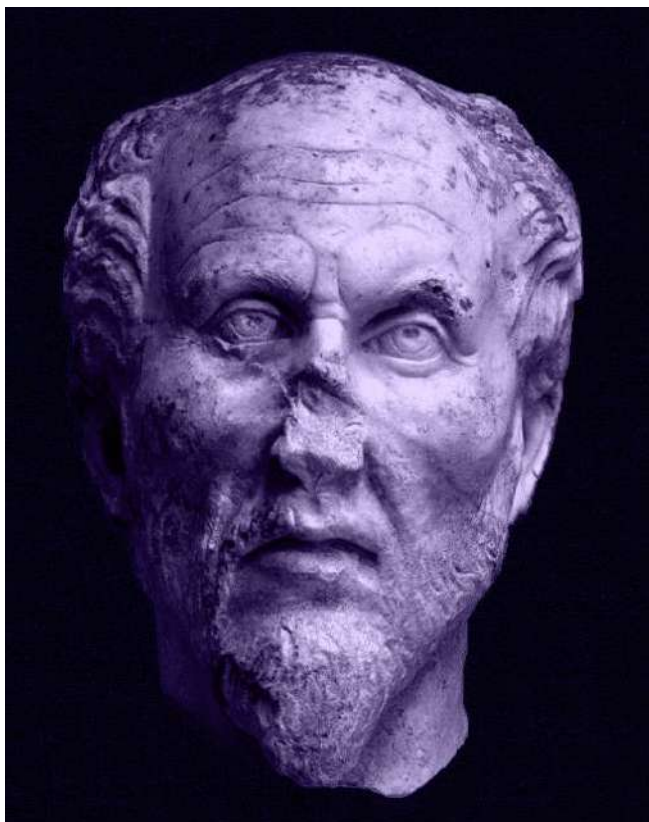
O primeiro termo desta série matemática é zero, ou o que é o mesmo, o primeiro, que contém potencialmente todos e cada um dos termos, em número infinito, da série, todas as unidades seguintes.

O grande segredo pitagórico consiste em afirmar que o zero é a Integral da série, que nada não existe, porque nada é alguma coisa, e não só é alguma coisa, mas é tudo, porque nada é ser; que cada termo da série contém os anteriores em acto e os posteriores potencialmente; que todas as coisas são reduzidas a números, a formas matemáticas; que estes são todos duplos, simétricos, conjugados, ying e yang numa palavra, masculino e feminino, adição e subtração, multiplicação e divisão, elevação a potências e extração de raízes, integração e diferenciação; que no meio dessa dualidade infinita de todas as coisas, há a unidade, a síntese das duas sexualidades, na qual todos os pares de opostos coincidem e se confundem, a forma andrógina ou bissexual que representa a perfeição absoluta; que assim como a sexualidade é o aparecimento do número primo 2. todas as concepções trinitárias representam o aparecimento do número 3. a antiga doutrina dos cinco elementos o aparecimento do número 5, e em geral, a série matemática da evolução, é o aparecimento ou manifestação dos números primos e das formas geométricas, mecânicas, biológicas e metafísicas que correspondem a cada um.

O conceito de unidade é a bússola indispensável em toda pesquisa científica e experimentação geométrica, ou seja, o estudo das transformações poliédricas, a verdadeira experimentação, a única maneira racional de descobrir os mistérios da natureza colocando-os sob os critérios da matemática, que é infalível ou exato quando o cálculo é baseado no conceito pitagórico de unidade.

SOBRE OS NÚMEROS III

Plotino



Plotino. *Wikimedia commons*

Porque, de uma forma geral, devemos pensar numa única Essência, tudo contido e como que abarcadas por uma só Natureza, Nem cada uma separadamente, como nos sentidos – numa parte, o sol e noutra, outra coisa – mas “todas juntas” numa. Esta é, de facto, a natureza da Inteligência, pois é assim que tanto a Alma como a que chamamos «Natureza» imitam a Inteligência, em virtude da qual e pela obra da qual as coisas particulares são geradas, uma numa parte e outra noutra, estando toda junta consigo mesma.

Mas apesar de todos os Seres estarem juntos, por outro lado, cada um está separado. Estes Seres contidos na Inteligência e na Essência, a Inteligência que os contém vê-os dentro, não olhando para eles, mas contendo-os, nem separando cada um deles, pois já estão separados nela para sempre. A prova contra aqueles que se surpreendem por serem assim é retirada dos participantes. Mas a grandeza e beleza da Inteligência é provada pelo amor que a Alma tem por ela, pelo facto de o amor de outras coisas pela Alma se dever à semelhança da sua natureza com a Inteligência e ao facto de outras coisas terem alguma semelhança com

a Inteligência. E seria realmente absurdo que houvesse um belo animal se não houvesse um “Animal em si” de beleza surpreendente e inefável. E este é o “Animal total”, composto por todos os animais, ou melhor, que “contém em si todos os animais” e é um múltiplo como todos os animais, tal como este universo, sendo um só, é ao mesmo tempo tudo visível, contendo em si todas as coisas que estão no visível.

Portanto, uma vez que é o Animal primordial e, portanto, o próprio Animal, uma vez que é a Inteligência e a Essência – a verdadeira Essência – e já que dizemos que contém todos os animais, o número total, a própria Justiça, a própria Beleza e quantas outras Essências são a estas semelhantes – falamos, de facto, num sentido diferente do próprio Homem, do Número em si e da própria Justiça – é necessário examinar como cada um destes Seres é e o que é dentro do que é possível averiguar estas coisas.

Bem, em primeiro lugar devemos dispensar toda a sensação, devemos considerar a Inteligência com inteligência e devemos ter em mente que também em nós há uma vida e uma inteligência inerentes não a uma massa, mas a um poder sem massa, e que a verdadeira Essência se desfez destas coisas e é um poder sustentado em si mesmo, não uma coisa fantasmagórica, mas a potência mais vital e intelectual: nada mais vital, nem mais intelecto nem mais substancial do que isso; e quem entrar em contacto com ela participa em tudo isto de acordo com o grau de contacto: o próximo, o na proximidade, e o mais distante e o longínquo.

Agora, como o ser é desejável, o Ser em maior grau será mais desejável, como será a Inteligência suma, uma vez que a compreensão, em geral, é desejável. Diga-se o mesmo sobre a vida. Se, então, é necessário colocar o Ser em primeiro lugar porque é o Primeiro, a Inteligência em segundo lugar e o Animal em terceiro lugar (uma vez que o Animal parece que abarca todos os Seres; mas a Inteligência em segundo lugar porque é actividade da Essência), o Número não pode ser encontrado ao nível do Animal, desde antes dele havia um e dois, nem ao nível da Inteligência, porque antes havia a Essência, que era uma e múltipla.

Resta, então, estudar se é a Essência que, com a sua própria fragmentação, gera o Número ou se é o Número que fragmenta a Essência; da mesma forma, se a Essência, o Movimento, a Estabilidade, a Identidade e a Alteridade em si engendraram o Número ou se foi o Número que os engendrou. O ponto de partida da

investigação é o seguinte: o Número é capaz de subsistir sobre si mesmo? Ou é antes a mente que coloca o dois em duas coisas e o três em três coisas? E a unidade numérica? Pois se a unidade numérica pode subsistir em si mesma sem coisas numeradas, pode estar antes dos Seres. Será mesmo antes ao Ser? Por enquanto, admitamos que o Eu é anterior até ao Número e concedemos que o Número vem do Eu. Mas se o Ser existe porque é uno e as coisas que são duas existem porque existem duas, segue-se que a Unidade será anterior ao Ser e o Número aos Seres.

- Na mente que abstrai e inclui ou também na realidade?
- Vamos abordá-lo desta forma: «quando se pensa que o ‘homem’ é uno só e ‘belo’ como uno», certamente a unidade que sobrepensa em cada uma destas duas coisas é posterior; Da mesma forma, quando pensa em “cavalo” e “cão”, é evidente que o dois aqui é posterior. Mas suponha que gerara homem, cavalo e cão, ou que, tendo-os lá dentro, os trouxe para fora, e não os gerara nem trouxe ao acaso. Não é verdade que diria: “Tenho de começar por um, depois passar a outro e fazer dois, e depois, por minha conta, tenho de fazer outro”? Porque também não são numerados os Seres uma vez originados, mas já era claro de antemão quantos tinham de ser originados. Então o Número total existia antes dos próprios Seres.
- Mas se existia antes dos Seres, o Número não era Ser.
- Na realidade, existia no Ser sem ser Número do Ser, uma vez que o Ser ainda era uno, mas quando a força do Número veio à existência, dividiu o Ser e fez com que parecesse, por assim dizer, multiplicidade. Porque ou a Essência ou a atividade do Ser será o Número; o animal em si e a inteligência serão Número. E não é verdade que o Eu será o Número combinado, o Número de Seres desenvolvido, o Número de Inteligência que se move em si e o Número Animal abrangedor? Na verdade, como o Ser vem da Unicidade, assim como aquele era uno, então o Ser devia ser Número; e a isso chamavam as Formas Henadas e Números. E este é o número substancial. Há outro número, o chamado «monádico», imagem daquele. O substancial é de dois tipos: o sobrepensado nas Formas e cogerador das Formas, e o substancial primário, que é o que está no Ser, é com o Ser e é anterior aos Seres. Os Seres têm no Número na sua base, sua fonte, sua raiz e os seus princípios. O princípio do Ser é a Unidade e nesta apoia-se o Ser – caso contrário iria espalhar-se – e não a Unidade no Ser. Caso contrário, o Ser já seria uno antes de participar na Unidade, e o que participa na Dezena seria já dezena antes de participar na Dezena.

PÁGINA DEIXADA INTENCIONALMENTE EM BRANCO

curso



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sã gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.